

questões globais



Editorial

Esta publicação discute o desenvolvimento sustentável ⁽¹⁾, especificamente as estratégias e responsabilidades que o governo dos Estados Unidos acredita serem fundamentais caso desejemos atender às esperanças de vida decente para os mais pobres do mundo.

O governo dos Estados Unidos acredita que as nações desenvolvidas têm a responsabilidade de fornecer aos povos das nações em desenvolvimento as ferramentas de que necessitam para aproveitar as oportunidades da economia global, oportunidades que vêm do auxílio internacional, investimento externo, capital doméstico e comércio. Para utilizar eficientemente essas ferramentas, entretanto, as nações em desenvolvimento necessitam adotar estratégias políticas, legais e econômicas que tornem o desenvolvimento bem sucedido.

É muito freqüente que recursos vitais, às vezes disponibilizados com o auxílio de outras nações, sejam perdidos para os países em desenvolvimento. Estradas que deveriam possibilitar o acesso a mercados para empreendedores agrícolas não são completadas, sucumbindo ao planejamento financeiro inadequado ou ao desvio de fundos. Um plano ambicioso de fornecimento de água potável vai a pique quando uma mudança de governo altera as prioridades políticas que moldam as decisões orçamentárias.

Também especialistas de desenvolvimento internacional devem fazer melhor uso dos recursos. Os projetos devem respeitar os interesses ambientais e as realidades do mercado, sem sobrecarregar as nações em desenvolvimento com dívidas esmagadoras.

Podemos e devemos fazer melhor. A Cúpula Mundial sobre o Desenvolvimento Sustentável deste mês de agosto oferece grandes promessas, pois muitos dos participantes fundamentais no processo de desenvolvimento dedicam-se a trabalhar como comunidade mundial para atender aos desafios à nossa frente.

⁽¹⁾ Desenvolvimento Sustentável, conforme definido pela Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (a Comissão Brundtland), é "a capacidade de atender às necessidades do presente sem comprometer a capacidade das gerações futuras em atender suas próprias necessidades". As necessidades de desenvolvimento são agora compreendidas como indo além das questões econômicas que englobam toda a série de questões sociais e políticas que definem a qualidade geral de vida.

questões globais

Publicação Eletrônica do Departamento de Estado dos Estados Unidos
Abril de 2001, volume 7, número 1

índice

Como Atingir o Desenvolvimento Sustentável

□ EM FOCO

Novo Pacto para o Desenvolvimento na Batalha Contra a Pobreza Mundial 5
O presidente Bush convoca um novo pacto para o desenvolvimento, definido por maior responsabilidade para com as nações ricas e pobres.

George W. Bush, presidente dos Estados Unidos

A Cúpula Mundial sobre o Desenvolvimento Sustentável: Início de um Novo Capítulo na História do Desenvolvimento Sustentável 8

A próxima Cúpula Mundial em Joanesburgo oferece oportunidade histórica para reenergizar e redirecionar a busca do desenvolvimento sustentável pela comunidade internacional.

Paula J. Dobriansky, vice-secretária de Estado para Questões Globais

Assistência Externa Estabelece Bases para a Sustentabilidade 11

A Agência Norte-Americana para o Desenvolvimento Internacional está desenvolvendo parcerias estratégicas com organizações não-governamentais, fundações privadas, corporações e universidades para ajudar as nações a atingirem a sustentabilidade.

Andrew S. Natsios, Administrador, Agência Norte-Americana para o Desenvolvimento Internacional

□ COMENTÁRIOS

Perspectivas sobre o Desenvolvimento 15

Três especialistas internacionais compartilham suas opiniões sobre estratégias de desenvolvimento e descrevem suas expectativas para a próxima Cúpula Mundial sobre o Desenvolvimento Sustentável.

Discussão apresentando o dr. Calestous Juma, diretor de Programas de Ciência, Tecnologia e Inovações do Centro para o Desenvolvimento Internacional da Universidade de Harvard; prof. Simon S. C. Tay, presidente do Instituto de Questões Internacionais de Cingapura; e dr. Patrick Mendis, participante de Diplomacia da Associação Norte-Americana para o Avanço da Ciência, atualmente trabalhando no Departamento de Estado dos Estados Unidos.

Desenvolvimento Sustentável: Lições Aprendidas e Desafios à Frente 24

Acreditando que o conhecimento constrói a capacidade e o estabelecimento da capacidade gera o crescimento, segurança e capacitação dos pobres, o Banco Mundial concentra grande parte do seu trabalho na promoção do aprendizado.

Frannie A. Leautier, vice-president, Instituto Banco Mundial

Arquitetura Ambiental Celebra a Abundância, Fábricas de Verde e a Próxima Revolução Industrial	28
William McDonough, que acredita que tudo, desde carros até centros urbanos, pode ser projetado de forma a nunca poluir, foi contratado para reprojeter a lendária fábrica de River Rouge da Ford Motor Company em um modelo de industrialização sustentável do século XXI.	
<i>Entrevista com o arquiteto William McDonough</i>	
Conservação da Diversidade Biológica, Incentivo da Sustentabilidade no México e América Central	32
Um projeto ambicioso (preservação de uma área natural ininterrupta que se estende do México até o Panamá) está sendo planejado na América Central.	
<i>Elsa Chang, diretora, Projeto Corredor Biológico da América Central e México, Instituto de Recursos Mundiais</i>	
Maravilha Natural	35
Inimigos de longa data reúnem-se para salvar o Everglades na Flórida, o maior pântano do mundo.	
<i>Cyril T. Zaneski, correspondente, "National Journal News Service" (reimpresso de "Government Executive Magazine", abril de 2004)</i>	

❑ RECURSOS ADICIONAIS

Bibliografia	41
Livros, documentos e artigos sobre desenvolvimento sustentável.	
Sites na Internet	45
Relação de sites na Internet que oferecem informações adicionais sobre questões de desenvolvimento sustentável.	

questões globais

Publicação Eletrônica do Departamento de Estado dos Estados Unidos

ejglobal@pd.state.gov

Editor Responsável	Judith S. Siegel
Editor	William Peters
Editor Gerente	Jim Fuller
Editor de Textos	Charlene Porter
Editor de Internet	Tim Brown
Editores Associados	Deborah Brown
.	Patrick Mendis
.	Wayne Hall
Referência e Pesquisa	Joan Taylor
.	Lynn Scheib
Diretor de Arte	Chloe Ellis
Assistente Gráfico	Sylvia Scott
Conselho Editorial	George Clack
.	Judith S. Siegel
.	Leonardo Williams

O Escritório de Programas Internacionais de Informação do Departamento de Estado dos Estados Unidos fornece produtos e serviços que expõem as políticas, sociedade e valores dos Estados Unidos para audiências estrangeiras. O Escritório edita cinco publicações eletrônicas que examinam questões importantes enfrentadas pelos Estados Unidos e pela comunidade internacional. As publicações — *Perspectivas Econômicas*, *Questões Globais*, *Temas de Democracia*, *Agenda da Política Externa dos Estados Unidos* e *Sociedade e Valores dos Estados Unidos* — fornecem declarações de políticas norte-americanas, bem como análises, comentários e informações básicas em suas áreas temáticas correspondentes. Todas as edições aparecem em versões em idiomas inglês, francês, português e espanhol, com edições selecionadas também sendo publicadas em árabe e russo. As edições em língua inglesa são publicadas em intervalos aproximados de um mês. As versões traduzidas normalmente seguem-se ao original em inglês após duas a quatro semanas.

As opiniões expressas nas publicações não refletem, necessariamente, as opiniões ou políticas do governo dos Estados Unidos. O Departamento de Estado dos Estados Unidos não assume nenhuma responsabilidade pelo teor e contínua acessibilidade de sites na Internet relacionados ao presente; essa responsabilidade reside unicamente com os responsáveis por esses sites. Os artigos podem ser reproduzidos e traduzidos fora dos Estados Unidos, exceto pelos artigos que incluam restrições explícitas de direitos autorais sobre esse uso. Usuários potenciais de fotos com crédito necessitam obter a liberação de uso junto à fonte mencionada.

Edições atuais ou anteriores das publicações, bem como o índice de publicações futuras, podem ser encontradas na Home Page Internacional do Escritório de Programas Internacionais de Informação na World Wide Web, no endereço <http://usinfo.state.gov/journals/journals.htm>. Elas estão disponíveis em diversos formatos eletrônicos para possibilitar sua leitura online, transferência, download e impressão. Envie seus comentários à sua Embaixada local dos Estados Unidos ou aos escritórios editoriais:

Editor, Questões Globais e Comunicações
 Escritório de Programas Internacionais de Informação
 IIP/T/GIC
 Departamento de Estado dos Estados Unidos
 301 4th Street, SW
 Washington, D.C. 20547
 Estados Unidos da América
 E-mail: ejglobal@pd.state.gov

EM FOCO

Novo Pacto para o Desenvolvimento na Batalha Contra a Pobreza Mundial

George W. Bush
Presidente dos Estados Unidos

Renovando o compromisso norte-americano na luta contra a pobreza, o presidente Bush convoca um novo pacto para o desenvolvimento, definido por maior responsabilidade para com as nações ricas e pobres. Encontram-se a seguir trechos de observações feitas em 22 de março de 2002, na Conferência de Financiamento e Desenvolvimento das Nações Unidas em Monterrey, México.

Reunimo-nos em um momento de novas esperanças e velhas lutas, a batalha contra a pobreza mundial. Estou aqui hoje para reafirmar o compromisso dos Estados Unidos para levar esperança e oportunidades para os povos mais pobres do mundo e convocar um novo pacto para o desenvolvimento, definido por maior responsabilidade para com as nações ricas e pobres.

Muitos aqui hoje dedicaram suas vidas à luta contra a pobreza global e vocês conhecem os riscos. Lutamos contra a pobreza porque a esperança é uma resposta ao terror. Lutamos contra a pobreza porque a oportunidade é direito fundamental da dignidade humana. Lutamos contra a pobreza porque a fé o requer e a consciência o exige. E lutamos contra a pobreza com a crescente convicção de que progressos importantes estão ao nosso alcance.

Esse progresso ainda exigirá mudanças. Por décadas, o sucesso do auxílio ao desenvolvimento foi medido unicamente pelos recursos gastos e não pelos resultados alcançados. Ainda assim, colocar dinheiro em um "status quo" falido faz pouco para ajudar os pobres e pode realmente atrasar o andamento das reformas. Devemos aceitar uma convocação superior, mais difícil e mais promissora. As nações desenvolvidas têm a obrigação de não apenas compartilhar de nossa prosperidade, mas também de incentivar fontes que produzam prosperidade:

liberdade econômica, liberdade política, Estado de Direito e direitos humanos.

A lição dos nossos tempos é clara: Quando as nações fecham seus mercados e as oportunidades são reservadas a alguns privilegiados, nenhum - nenhum - auxílio ao desenvolvimento será suficiente. Quando as nações respeitam seus povos, abrem seus mercados, investem em melhor saúde e educação para os seus povos, cada dólar de auxílio, cada dólar de receita comercial e capital doméstico é utilizado de forma mais eficaz.

Devemos condicionar maior auxílio a reformas políticas, legais e econômicas. E, insistindo nas reformas, fazemos o trabalho de benemerência. Os Estados Unidos serão o exemplo. Propus aumento de 50% em nossa assistência central ao desenvolvimento ao longo dos próximos três anos fiscais. Eventualmente, isso significará um aumento anual de US\$ 5 bilhões sobre os níveis atuais.

Esses novos fundos entrarão em uma nova Conta Desafio do Milênio, dedicada a projetos em nações que governem de forma justa, invistam no seu povo e incentivem a liberdade econômica. Promoveremos o desenvolvimento de baixo para cima, auxiliando os cidadãos a encontrarem as ferramentas, treinamento e tecnologias para aproveitar as oportunidades da economia global.

Solicitei ao secretário de Estado Powell e ao secretário do Tesouro O'Neill que apelassem à comunidade mundial para o desenvolvimento de critérios objetivos, claros e concretos para a Conta Desafio do Milênio. Aplicaremos esses critérios de forma justa e rigorosa.

E, para dar início a essa iniciativa, trabalharei com o Congresso dos Estados Unidos para tornar os recursos disponíveis ao longo dos doze meses para países elegíveis. Muitas nações em desenvolvimento já estão trabalhando muito nesse sentido e estão a caminho da reforma, trazendo benefícios para os seus povos. O novo Pacto para o Desenvolvimento recuperará essas nações e incentiva outros a seguirem seu exemplo.

O objetivo do nosso auxílio ao desenvolvimento será para que as nações cresçam e prosperem além da necessidade de qualquer auxílio. Quando as nações adotam reformas, cada dólar de auxílio atrai dois dólares de investimentos privados. Quando o auxílio for ligado a boas políticas, quatro vezes mais pessoas são retiradas da pobreza, em comparação com as velhas práticas de auxílio.

Todos nós aqui devemos concentrar-nos nos reais benefícios para os pobres e não debater níveis arbitrários de ingressos dos ricos. Devemos investir em melhoria da saúde e construir sobre nossos esforços para lutar contra HIV/Aids e outras doenças que ameaçam minar sociedades inteiras. Devemos dedicar mais do nosso auxílio na forma de concessões e não de empréstimos que nunca podem ser pagos.

O trabalho de desenvolvimento é muito mais amplo que o auxílio ao desenvolvimento. A ampla maioria do financiamento para o desenvolvimento não vem do auxílio, mas do comércio, capital doméstico e investimentos externos. Os países em desenvolvimento recebem cerca de US\$ 50 bilhões em auxílio todos os anos. Isso é comparável ao investimento externo de quase US\$ 200 bilhões em ganhos anuais das exportações de US\$ 2,4 trilhões. Assim, para combatermos a pobreza de forma séria, devemos tratar seriamente da expansão do comércio.

O comércio ajudou nações tão diversas quanto a Coreia do Sul, o Chile e a China a substituir o desespero por oportunidade para milhões de seus cidadãos. O comércio traz novas tecnologias, novas idéias e novos hábitos, e o comércio traz expectativas de liberdade. E maior acesso aos mercados de países saudáveis apresenta impacto direto e imediato sobre as economias de nações em desenvolvimento.

Como exemplo, em um único ano, a Lei da Oportunidade e Crescimento Africano aumentou as exportações africanas para os Estados Unidos em mais de 1000%, gerou cerca de US\$ 1 bilhão em investimentos e criou milhares de empregos.

Ainda temos muito mais a fazer. As nações em desenvolvimento necessitam de maior acesso aos mercados de nações saudáveis. E devemos derrubar as altas barreiras comerciais entre as próprias nações em desenvolvimento. As negociações de comércio global lançadas em Doha enfrentam esses desafios.

O sucesso dessas negociações trará maior prosperidade para as nações ricas, de renda média e pobres. Segundo uma estimativa, um novo pacto comercial global poderá retirar 300 milhões de vidas da pobreza. Quando o comércio avança, não há dúvida quanto à retração da pobreza.

A tarefa do desenvolvimento é urgente e difícil, mas o caminho é claro. À medida que planejamos e agimos, devemos lembrar-nos de que a verdadeira fonte de progresso econômico é a criatividade dos seres humanos. Os recursos naturais mais vitais das nações são encontrados nas mentes, conhecimentos e iniciativas dos seus cidadãos. A grandeza de uma sociedade é atingida ao liberar-se a grandeza do seu povo. Os pobres do mundo necessitam de recursos para atender suas necessidades e, como todos os povos, eles merecem instituições que incentivem seus sonhos.

Todos os povos merecem governos instituídos pelo seu próprio consentimento; sistemas legais que difundam as oportunidades, em vez de proteger os estreitos interesses de poucos; e sistemas econômicos que respeitem seus esforços de ambição e recompensa dos povos. Liberdade, legislação e oportunidade são as condições para o desenvolvimento e são esperanças comuns da humanidade.

O espírito de iniciativa não é limitado pela geografia, religião ou história. Homens e mulheres foram feitos para a liberdade e a prosperidade resulta quando a liberdade triunfa. É por isso que os Estados Unidos da América estão liderando a luta pela liberdade contra o terror.

Agradecemos aos nossos amigos e vizinhos em todo o mundo pelo auxílio nessa grande causa. A história nos convocou para uma luta titânica, cujos riscos não poderiam ser mais altos porque estamos lutando pela própria liberdade. Estamos buscando objetivos grandes e valiosos para tornar o mundo mais seguro e, à medida que o fazemos, o tornamos melhor. Desafiaremos a pobreza, o desespero, a falta de educação e governos falidos que, muito freqüentemente, oferecem condições para que os terroristas possam aproveitar e tentar revertê-las ao seu benefício.

Nossa nova abordagem para o desenvolvimento coloca a responsabilidade sobre as nações em desenvolvimento e sobre todas as nações. Devemos construir as instituições da liberdade e não subsidiar os fracassos do passado. Devemos fazer mais do que apenas apreciar o que estamos fazendo; devemos fazer o bem. Adotando o lado da liberdade e da boa governabilidade, liberaremos milhões da prisão da pobreza. Ajudaremos a lutar contra o desespero e o ressentimento. Colocaremos nações inteiras em um círculo crescente de oportunidades e iniciativas. Ganharemos parceiros verdadeiros no desenvolvimento e adicionaremos um novo e esperançoso capítulo à história dos nossos tempos.

A Cúpula Mundial sobre o Desenvolvimento Sustentável: Início de um Novo Capítulo na História do Desenvolvimento Sustentável

Paula J. Dobriansky

Vice-secretária de Estado para Questões Globais

A próxima Cúpula Mundial sobre o Desenvolvimento Sustentável em Joanesburgo oferece oportunidade histórica para reavivar a busca do desenvolvimento sustentável pela comunidade internacional. Este trabalho exigirá esforço conjunto para assegurar que todos os países possuam instituições robustas e políticas adequadas e incentivar parcerias entre o setor público e o setor privado para atingir resultados concretos.

Em pronunciamento histórico sobre política externa no Banco Interamericano de Desenvolvimento em 14 de março, o presidente Bush anunciou aumentos substanciais em programas norte-americanos de assistência ao desenvolvimento e confirmou o compromisso dos Estados Unidos com uma nova visão para ajudar o mundo em desenvolvimento. Ele observou que o "avanço do desenvolvimento é compromisso central da política externa norte-americana. Como nação fundada com base na dignidade e valor de cada vida, o coração dos Estados Unidos se parte devido ao sofrimento e às mortes sem sentido que observamos no nosso mundo. Trabalhamos pela prosperidade e oportunidade porque é certo. É a coisa certa a ser feita."

A Cúpula Mundial sobre o Desenvolvimento Sustentável (WSSD), que terá lugar entre 26 de agosto e quatro de setembro em Joanesburgo, é oportunidade histórica para reavivar e redirecionar a busca do desenvolvimento sustentável pela comunidade internacional.

A Conferência sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento do Rio em 1992 e os dez anos que se passaram estabeleceram grande parte da estrutura para nossa busca do desenvolvimento sustentável. Agora, para cumprir com a promessa da década do Rio (atingir verdadeiramente o desenvolvimento sustentável), a Cúpula de Joanesburgo deve anunciar um novo capítulo em que nos concentremos na implementação e resultados concretos. Para fazê-lo, devemos trabalhar em conjunto para assegurar que todos os países tenham as instituições robustas e políticas adequadas que são essenciais para estabelecer futuro próspero para o seu povo e o nosso planeta. Devemos estabelecer parcerias com outros governos, com empresas e com grupos da sociedade civil que assegurem a implementação básica bem sucedida.

O Legado do Rio: Todo o Desenvolvimento Deve Ser Sustentável

A década do Rio elevou a compreensão mundial de que o desenvolvimento deve ser sustentável, que os três "pilares" do desenvolvimento sustentável (proteção ambiental, desenvolvimento econômico e desenvolvimento social) devem estar lado a lado. Como cada pilar é ligado integralmente aos demais, a busca eficaz do desenvolvimento sustentável requer abordagem equilibrada que integre todos os três componentes.

O Rio e a era pós-Rio também estabeleceram estrutura para atender ao desenvolvimento sustentável. A Declaração do Rio e a Agenda 21 nos fornecem princípios orientadores e um mapa para atender a esses princípios. Acordos ambientais multilaterais que equilibram de forma eficaz os três pilares do desenvolvimento sustentável, bem como mecanismos voluntários, tais como a Iniciativa Internacional sobre Recifes de Coral e o Conselho do Ártico, fornecem avenidas para o combate aos problemas ambientais. Além disso, os objetivos de desenvolvimento internacional na Declaração do Milênio das Nações Unidas ajudam a descrever um processo que incentive o desenvolvimento social e econômico.

Princípios Orientadores para a Década de Joannesburgo

À medida que nos dirigimos para Joannesburgo, devemos agora voltar nossa atenção do estabelecimento da estrutura para a implementação do desenvolvimento sustentável nas bases.

Para todos os países (desenvolvidos e em desenvolvimento), o desenvolvimento sustentável deve começar em casa. A proteção ambiental, o desenvolvimento econômico e o desenvolvimento social dependem de bases de boa governabilidade, em que os mercados livres, instituições saudáveis e o Estado de Direito sejam a norma. O desenvolvimento sustentável não pode ser atingido em atmosfera em que haja profunda corrupção, a propriedade particular seja desprotegida, os mercados estejam fechados e os contratos privados sejam inexecutáveis.

No seu discurso de 14 de março, o presidente Bush salientou a importância da boa governabilidade, prometendo aumento de US\$ 5 bilhões na assistência ao desenvolvimento como parte de um "novo pacto para o desenvolvimento global". Como retorno por esse

compromisso adicional, os Estados Unidos buscam ações dos países em desenvolvimento sobre as reformas e políticas que tornam o desenvolvimento sustentável eficaz e duradouro.

Políticas econômicas saudáveis, instituições democráticas sólidas que atendam às necessidades das pessoas e melhor infra-estrutura são a base do crescimento econômico sustentado, erradicação da pobreza e criação de empregos. Liberdade, paz e segurança, estabilidade doméstica, respeito pelos direitos humanos (incluindo o direito ao desenvolvimento), Estado de Direito, igualdade entre os sexos, políticas orientadas ao mercado e compromisso geral com sociedades justas e democráticas também são essenciais e mutuamente reforçadores. Em termos operacionais, cinco dos principais elementos que são fundamentais para a criação de uma arquitetura doméstica capacitadora que possibilite o desenvolvimento sustentável são: instituições eficazes; educação, ciência e tecnologia para a tomada de decisões; acesso à informação; participação acionária; e acesso à justiça.

O estabelecimento de bases sólidas para o desenvolvimento sustentável é responsabilidade dividida pelos países desenvolvidos e em desenvolvimento. Nos Estados Unidos, freqüentemente consideramos como certos esses elementos, mesmo quando lutamos para aumentar nossos esforços nesse cenário. Muitos países em desenvolvimento reconhecem, entretanto, a importância fundamental dessas questões para o desenvolvimento sustentável, mas estão apenas começando a explorar como operacionalizá-las.

Implementação através de Parcerias

Outro tema importante que nós e outros países trazemos para a WSSD é a crença de que parcerias entre o setor público e o setor privado (que envolve governos de todos os níveis, bem como ongs, empresas e outros participantes) são fundamentais para atingir o desenvolvimento sustentável. Nos Estados Unidos, ações concretas sobre o desenvolvimento sustentável têm lugar não apenas em nível nacional, mas também em nível estadual e local. Além disso, elas raramente envolvem apenas o governo; muito mais freqüentemente, acontecem em parcerias que envolvem o comércio e a sociedade civil.

A Cúpula Mundial sobre o Desenvolvimento Sustentável deverá ser ponto de partida para essas parcerias. Os Estados Unidos liderarão por exemplo, buscando o

trabalho em parceria com participantes e outros governos em setores fundamentais, como os seguintes:

- ❖ Saúde
- ❖ Energia
- ❖ Água
- ❖ Educação
- ❖ Oceanos e Litorais
- ❖ Segurança Alimentar, Agricultura Sustentável e Desenvolvimento Rural
- ❖ Florestas

Novo Capítulo

A Cúpula Mundial sobre Desenvolvimento Sustentável é uma oportunidade tremenda para virar uma nova página sobre o desenvolvimento sustentável. O presidente Bush declarou claramente que os Estados Unidos "liderarão por exemplo". Temos um destino. Para chegar lá, precisamos voltar nossa atenção para a implementação. Trabalhando juntos para fortalecer as bases da boa governabilidade doméstica, que é essencial para a realização do desenvolvimento sustentável e estabelecer parcerias que atinjam resultados concretos, podemos fazer de Joannesburgo um sucesso.

Assistência Externa Estabelece Bases para a Sustentabilidade

Andrew S. Natsios

Administrador, Agência Norte-Americana para o Desenvolvimento Internaciona

A Agência Norte-Americana para o Desenvolvimento Internacional (USAID), com sua missão de apoiar o crescimento econômico equitativo e a longo prazo, será um dos principais participantes a conduzir a visão do governo Bush para o desenvolvimento sustentável. O administrador Natsios reflete sobre a mudança da filosofia na assistência externa.

O fim da Guerra Fria e o crescimento da globalização trouxeram tremendas mudanças para a dinâmica política e econômica que molda o mundo. À medida que a principal instituição do governo dos Estados Unidos trabalha para combater a pobreza e pôr fim à fome nos países em desenvolvimento, a USAID reconheceu como essas forças globais em mutação também necessitam de nova visão para a assistência ao desenvolvimento.

No governo Bush, estamos reconstruindo os conceitos de assistência externa e acompanhando o momento do setor privado. Também somos capacitados pela vasta experiência obtida com os sucessos e fracassos dos programas de auxílio ao longo dos últimos quarenta anos.

Estamos mudando o conceito do que deverá atingir a assistência externa. A assistência externa não é meramente uma transferência de dinheiro do Norte para o Sul. Estamos repensando o que designamos por assistência externa, repensando o propósito da assistência externa e reconhecendo que o importante não é o quanto você gasta em ajuda externa, mas como você o gasta.

Aprendemos que a transferência de grandes quantidades de dinheiro para o tesouro dos orçamentos dos países em desenvolvimento não é uma forma à prova de falhas de atingir a sustentabilidade democrática, social e econômica a longo prazo. Ao contrário, aprendemos que, para manter o crescimento ao longo de um período de tempo, os programas de auxílio devem trabalhar para atrair o capital do setor privado a fim de desenvolver as economias.

Todos os países que um dia foram pobres e tornaram-se prósperos nas últimas décadas o fizeram através do crescimento do setor privado e da assistência ao desenvolvimento oficial. A assistência externa ajudou esses países a atingirem o crescimento sustentado para eliminar a pobreza. Eles o fizeram através da transferência de tecnologia, do estabelecimento das instituições, de

melhores serviços de saúde e de reformas políticas. Os sucessos nesses investimentos demonstraram-nos que o gasto em assistência externa nessas áreas criará o ambiente para o crescimento liderado pelo setor privado.

Por esta razão, o presidente Bush anunciou em março de 2002 que os Estados Unidos criariam a Conta Desafio do Milênio para fornecer assistência adicional ao desenvolvimento a um número seletivo de países em desenvolvimento que demonstrarem forte comprometimento com a boa governabilidade, saúde e educação dos seus povos e políticas econômicas adequadas que incentivem a livre iniciativa e o empresariado. A Conta Desafio do Milênio aumentará o nível básico da assistência oficial ao desenvolvimento em US\$ 5 bilhões ao longo dos próximos três anos, atingindo aumento sem precedentes de 50% na assistência oficial ao desenvolvimento dos Estados Unidos.

Transferência de Tecnologia

A "revolução verde" na Ásia é o melhor exemplo do assombroso processo que pode resultar da transferência de tecnologia. Trigo geneticamente modificado, desenvolvido no México por uma equipe liderada pelos Estados Unidos, gerou rendimentos e foi amplamente distribuído para plantio na Índia e no Paquistão. O sucesso dessas safras ajudou a evitar a fome na década de 1960, mas não através de transferência de assistência oficial ao desenvolvimento (Official Development Assistance-ODA). A "revolução verde" foi fundamentalmente uma transferência de tecnologia de variedades aprimoradas de sementes e de novos tipos de equipamentos que permitiram que pequenos agricultores cultivassem mais alimentos. Foi o movimento de fertilizantes e diferentes tipos de implementos que auxiliou os pequenos agricultores a aumentarem a produção de alimentos. A "revolução verde" foi um sucesso espetacular gerado por uma aliança entre cientistas norte-americanos, fundações sediadas nos Estados Unidos, Banco Mundial e USAID.

Na África, a transferência de tecnologia ajudou a criar aumentos dramáticos de produção. Na região do delta interno do Mali, por exemplo, a produção de arroz dobrou entre 1993 e 2000, como resultado de programas apoiados pela USAID que criaram incentivos para investimentos em melhores variedades de arroz e tecnologia de processamento, aprimorando a administração dos recursos naturais e agrícolas. Neste

governo, estamos trabalhando para incentivar os agricultores africanos a fazer uso da mais recente pesquisa agrícola, que sabemos pode aumentar a produtividade.

Estabelecimento de Instituições

Desde o final da Guerra Fria, os países em desenvolvimento fizeram movimento dramático rumo ao capitalismo democrático como modelo operativo de governo. Ao fazerem essa transição, entretanto, muitos países descobriram que não detinham a experiência institucional para operação de todos os mecanismos de um sistema democrático. Eles nunca haviam organizado eleições livres e justas com série completa de candidatos de diversos partidos. Eles não estavam preparados para conduzir um parlamento e não estavam preparados para ter jornalistas e radialistas buscando os problemas de governo de forma bastante pública.

A USAID e outros governos doadores facilitaram o estabelecimento de instituições, para ajudar esses países a estabelecerem todos os mecanismos que operam em uma sociedade democrática aberta. Estamos apoiando programas para treinar pessoas na administração das suas novas instituições democráticas. Estamos treinando jornalistas para que compreendam reportagens com base em fatos sólidos e os conceitos de justiça e equilíbrio. Estamos treinando autoridades governamentais sobre como governar de forma aberta. Estamos financiando programas democráticos que introduzam novas abordagens para a administração de crises e análise de conflitos, para que ajudem partidos opostos na resolução pacífica das suas questões e dentro da estrutura fornecida por um sistema democrático.

Reforma Política

A USAID também foi instrumental na assistência a países na reforma do seu ambiente político, à medida que se movem do modelo econômico socialista rumo a um modelo de mercados livres. Caso um país não esteja adotando políticas macroeconômicas que mantenham um mercado livre, nenhuma assistência externa irá erguer aquela nação da pobreza para a prosperidade. A reforma política é requisito prévio imprescindível para o desenvolvimento sustentável a longo prazo.

A USAID vem auxiliando os países a fazerem os ajustes políticos necessários para adotar políticas macroeconômicas que atraiam investimentos. Assim, estamos fornecendo orientação a nações sobre como

controlar a inflação, estabilizar moedas e evitar falsificações. Através dessas reformas, os países podem criar um ambiente econômico em que agricultores e empresas tenham incentivos de crescimento e produção, por terem a segurança de que seus lucros estarão a salvo. A criação dessa estabilidade econômica representa as bases da prosperidade e o fim da pobreza. Cada vez mais, comprova-se que a reforma política é requisito prévio imprescindível para o desenvolvimento sustentável a longo prazo.

Serviços públicos

As reformas políticas incluem também o setor dos serviços públicos. Muitos governos no mundo em desenvolvimento foram incapazes de fornecer serviços públicos de qualidade a custo razoável a uma grande parte da população. A USAID ajudou a estabelecer a capacidade institucional dos ministérios desses países para conduzir serviços públicos. Os últimos quarenta anos presenciaram melhorias expressivas na mortalidade infantil, na mortalidade materna e nos níveis de alfabetização em muitos países. Como resultado dos programas que apoiamos, a capacidade institucional aumentou, permitindo melhorias no fornecimento desses serviços públicos fundamentais.

Fizemos progressos significativos ao longo das décadas em nosso reconhecimento do inter-relacionamento entre o fornecimento bem sucedido desses serviços públicos e a capacidade da nação de superar a pobreza e atingir a sustentabilidade a longo prazo. As mães devem ser saudáveis para que os bebês sejam saudáveis. As crianças devem ser saudáveis para que aprendam e obtenham educação. A educação cria uma força de trabalho capaz e produtiva que levará uma nação à prosperidade.

O presidente Bush determinou aumento dos gastos para educação no mundo em desenvolvimento como prioridade fundamental. Os fundos da USAID dedicados a esse propósito aumentarão de US\$ 100 milhões para US\$ 170 milhões em dois anos.

Liderança

À medida que a USAID exerce a assistência ao desenvolvimento externo nesses quatro caminhos, também permanecemos extremamente cientes de que a liderança local forte e capaz é profundamente importante para atingir o sucesso. Somente quando existe compromisso nacional, essas iniciativas se enraízam e

trazem resultados.

Moçambique fornece exemplo notável. Essa nação do leste africano sofria uma das mais brutais guerras civis no último quarto do século XX, após sua independência de Portugal. Dois a três milhões de pessoas morreram de fome. Foram cometidas terríveis atrocidades. Uma década de políticas econômicas marxistas falhou na potencialização dos ricos recursos minerais e de terras agrícolas do país, tornando Moçambique um dos países mais pobres do mundo. A luta terminou na década de 1990, adotou-se uma constituição e democracia multipartidária e iniciou-se um esforço de auxílio internacional. Em 2001, Moçambique experimentou taxa de crescimento da sua economia de 14% durante o período de um trimestre.

A liderança é elemento fundamental nesse progresso. O primeiro ministro Pascoal Manuel Mocumbi tem muito orgulho de ter criado um ambiente político em que existem investimentos disseminados em todo o país. Áreas que sofreram fome durante a guerra civil estão agora exportando alimentos como resultado dos programas agrícolas da USAID. O dr. Mocumbi está profundamente interessado na agricultura e os membros do seu gabinete estão entre os ministros mais capazes que já vi em muitos países em desenvolvimento. Eles criaram os ambientes políticos e atraíram capital para construir sobre a base que criaram.

Setor Privado

O modelo de assistência ao desenvolvimento externo evoluiu ao mesmo tempo que outra tendência relevante desenvolveu-se nas últimas décadas. Em 1969, 70% de todos os fluxos de capital dos Estados Unidos para o mundo em desenvolvimento foram na forma de assistência externa. Agora, apenas 20% de todos os fluxos de capital dos Estados Unidos para o mundo em desenvolvimento vêm na forma de assistência oficial ao desenvolvimento. Oitenta por cento do dinheiro agora flui de entidades privadas: fundações, organizações não governamentais (ongs), universidades e, o mais significativo, companhias privadas. A estatística é o inverso do que era há trinta anos.

As políticas de auxílio externo dos Estados Unidos devem evoluir para manter essa tendência. Com base na iniciativa denominada Aliança para o Desenvolvimento Global, essas organizações estão unindo-se ao governo dos Estados Unidos como parceiras para auxiliar as

nações em desenvolvimento a traçar o curso rumo à sustentabilidade. Um terço do orçamento da USAID flui através de ongs internacionais e sediadas nos Estados Unidos para o mundo em desenvolvimento. Outro terço está distribuído através de universidades, associações privadas e ongs sediadas localmente. O terço final é gasto através do setor privado.

Com esses parceiros, a USAID estabelecerá alianças destinadas a objetivos específicos de desenvolvimento, vinculando os nossos recursos aos deles para atingir esses objetivos. Unimo-nos a uma companhia de software para levar acesso à Internet e treinamento de computadores ao mundo em desenvolvimento. Em outros acordos, companhias estão trabalhando com a USAID para auxiliar os governos na criação de políticas reguladoras que combaterão cortes ilegais de madeira e desflorestamento de formas que preservarão os recursos ambientais, mantendo alguma oportunidade para recursos de colheita.

Responsabilidade

As conquistas feitas pelo auxílio externo dos Estados Unidos e outras nações industrializadas ao longo das últimas décadas são impressionantes. As taxas de mortalidade infantil e de bebês no mundo em

desenvolvimento foram reduzidas em até 50%. As condições de saúde em todo o mundo melhoraram mais nos últimos cinquenta anos que em toda a história humana anterior. A varíola foi erradicada; a pólio está perto de sê-lo.

Para garantir compromisso doméstico contínuo com esses programas valiosos, a USAID deve assegurar a rastreabilidade e os resultados dos programas que financia. Nossos programas orientados para a reforma política devem atender a objetivos especificados para o equilíbrio de orçamentos, atingimento de normas macroeconômicas e controle da inflação. Trabalhamos com os governos locais para atingir esses objetivos todos os anos. Todos os 71 programas nacionais da USAID são determinados por indicadores de desempenho, que estabelecem objetivos para sinais de cumprimento, tais como o aumento da alfabetização, redução da mortalidade infantil e aumento das taxas de imunização.

O povo dos Estados Unidos tem profundo compromisso humanitário com a melhoria da qualidade de vida em nações menos privilegiadas. Eles também sabem que o auxílio é mais bem sucedido quando não for mais necessário. A maior assistência que os Estados Unidos podem dar para as nações em desenvolvimento é o atingimento da auto-suficiência e sustentabilidade.

COMENTÁRIOS

Perspectivas sobre o Desenvolvimento

No diálogo abaixo, baseado em intercâmbios orais e escritos, três especialistas compartilham seus pontos de vista sobre as amplas visões internacionais de estratégias de desenvolvimento e descrevem suas expectativas para a próxima Cúpula Mundial sobre o Desenvolvimento Sustentável a ser realizada entre 26 de agosto e quatro de setembro em Joanesburgo, África do Sul. O editor de *Questões Globais*, William Peters, reuniu o quadro e serviu de moderador.

O **dr. Calestous Juma** é diretor de Programas de Ciência, Tecnologia e Inovações do Centro para o Desenvolvimento Internacional da Faculdade Kennedy de Governo da Universidade de Harvard. Recentemente, ele se tornou vice-reitor da Universidade de Gúiana.

O **prof. Simon S. C. Tay** é presidente do Instituto de Questões Internacionais de Cingapura, leciona direito internacional na Universidade Nacional de Cingapura e é membro há três mandatos do Parlamento.

O **dr. Patrick Mendis** é participante de Diplomacia da Associação Norte-Americana para o Avanço da Ciência, atualmente trabalhando como assistente especial do secretário assistente de Estado para Assuntos Culturais e Educacionais. O dr. Mendis trabalhou anteriormente com questões de desenvolvimento nas Nações Unidas, no Banco Mundial e no Departamento de Estado.

As opiniões expressas são pessoais e não se destinam a refletir as instituições com as quais nossos especialistas são afiliados, nem as opiniões do governo dos Estados Unidos.

Peters: Aparentemente continuamos a definir e aprimorar nossa compreensão do significado do desenvolvimento sustentável e os modelos que caracterizam nossas abordagens. Pode discutir isso do seu ponto de vista, professor Tay?

Tay: Sua observação é correta. Progredimos da idéia inicial de uma fase de começo de desenvolvimento, concentrada em um projeto importante (às vezes, um elefante branco) através de um tipo de modelo econômico geral, até um tipo de abordagem estrutural concentrada no PIB (produto interno bruto) per capita. Mas é o Relatório do Desenvolvimento Humano do UNDP (Programa de Desenvolvimento das Nações Unidas) e o conceito de desenvolvimento sustentável que, de maneira importante, redirecionou a forma como olhamos para o desenvolvimento.

As chaves para o desenvolvimento também surgiram para muita reanálise. Desde o início da crise econômica asiática em 1997, a busca foi por novos modelos e novos mecanismos de crescimento, além da entrada de capital e exportação para o desenvolvimento. Estamos agora analisando coisas como inovações, uso da tecnologia, idéias de marcas e projetos, e como uni-las com bens diversos e trabalho intensivo, que continuam sendo parte da necessidade para muitos países em desenvolvimento.

Mendis: Calestous, você pode lançar alguma luz sobre o desenvolvimento da sua perspectiva africana?

Juma: Considero central a inovação tecnológica e institucional. A última década foi caracterizada por esforços para a estabilização da situação macroeconômica na África e a promoção da democratização.

A próxima fase deverá ser dedicada à análise crítica de como incentivar a renovação econômica. Isso levará a duas abordagens complementares.

Primeiramente, novas políticas necessitarão prestar atenção específica ao papel das inovações tecnológicas, especialmente na promoção da produtividade em todos os setores. Ela deverá ser dirigida pela necessidade de participação na economia global e de atendimento das necessidades humanas. Essa estratégia exigirá investimentos maiores no desenvolvimento de recursos humanos, especialmente na educação técnica e científica, com ênfase específica nas ciências biológicas.

A segunda parte envolverá inovações em instituições que possam possibilitar que a ciência e tecnologia desempenhem papel no desenvolvimento sustentável. É de particular importância o papel das universidades, que necessitarão tornar-se mais empreendedoras nos setores comercial, de conservação e social.

Atualmente, essas instituições ainda se concentram na produção de funcionários para o serviço civil e não detêm o dinamismo que é necessário para permitir que eles sirvam de motores para o desenvolvimento sustentável. São extremamente necessários novos modelos educacionais na África. É urgentemente necessária uma nova geração de instituições de aprendizado superior que combine pesquisa, treinamento e utilidade.

Peters: Face a essa mudança, você acredita que existem pessoas que ainda se prendem aos modelos mais antigos do processo de desenvolvimento?

Tay: Certamente existem. Sua visão é de desenvolvimento humano que é basicamente um tipo de pensamento global muito centralizado nas Nações Unidas. É uma visão que foi muito abandonada por muitos participantes do setor privado e do setor público.

Juma: Para a África, a velha visão do mundo estrangula o pensamento dos elaboradores políticos e universitários. Existem muito poucas instituições dedicadas ao mapeamento de novos rumos para o continente. O campo de pensamento estratégico e análise política é um dos menos desenvolvidos na África. A livre iniciativa ainda é artesanal, e não uma técnica. Como resultado, existem muito poucas faculdades de negócios genuínas que treinam pessoas em como transformar idéias em produtos e serviços.

A África necessita iniciar esforço genuíno para reinventar instituições, incluindo a definição mais clara dos novos papéis do setor público. O governo detém importante papel de criação de mercados e a redução cega do governo também não ajudou o continente. Não é o tamanho do governo que importa, mas sim suas funções e qualidade. Os preocupados com a boa governabilidade necessitam complementá-la com boa diplomacia que utilize a assistência internacional para criar nova cultura de liderança.

Peters: Para muitas pessoas, o desenvolvimento sustentável lida com meio ambiente, mas estamos falando sobre o conceito de forma diferente. De onde vem a expressão "desenvolvimento sustentável"? Ela é produto da Eco-92 do Rio?

Tay: Bem, eu acho que devemos dar crédito quando é devido. A expressão já havia sido utilizada em alguns círculos bem antes do Rio e, mesmo antes do Relatório Brundtland ⁽¹⁾, havia pessoas que utilizavam a expressão.

Mas acredito que o Relatório Brundtland realmente colocou-a em evidência e depois a Declaração do Rio 1992 e os documentos associados à cúpula realmente estabeleceram a expressão entre os governos mundiais. Mas acredito que o desenvolvimento sustentável permanece mesmo uma visão. Ainda não temos definição exata do que ele significa. E, de algumas formas, a definição ainda está causando problemas devido aos compromissos inerentes para defini-la.

Basicamente, houve reuniões globais antes do Rio, mas acredito que o Rio realmente foi a cúpula a que compareceu a maior parte dos líderes. Ao reunir tantas pessoas e devido ao tamanho da publicidade da presença naquela reunião - sabe, você estabelece uma expressão, você a retira do pequeno círculo de professores, pessoas que conhecem essas coisas, e a traz para a esfera pública. E acredito que isso realmente a estabeleceu. Mas, como afirmei, embora a expressão esteja estabelecida, seu conteúdo real permanece questionado e debatido.

Acredito que seja muito contestada. Muitas vezes, quando as pessoas na Ásia e em outras regiões falam sobre o desenvolvimento sustentável, a ênfase é muito maior no desenvolvimento. Chego a ouvir pessoas falarem sobre o crescimento sustentável, ou crescimento sustentado, como se fossem a mesma coisa. E não são.

Acredito que a idéia de desenvolvimento requer que olhemos para além da idéia de PIB per capita e que realmente questionemos toda a ambição do desenvolvimento - o que é que estão tentando fazer. Estão querendo enriquecer as pessoas? Colocar mais dinheiro nos seus bolsos? Ou aquele dinheiro deve ser uma forma de fazer algo mais?

E acho que, nesse sentido (sentido moderno de liberdade e desenvolvimento em conjunto), você está também discutindo como se espera que o desenvolvimento seja sustentável. Acredito que o que estamos tentando fazer é surgir uma espécie de círculo virtuoso; ativismo no desenvolvimento que inclui as minorias, como as mulheres, as crianças, os que não receberam educação e os pobres rurais. Eles interagirão com os recursos do desenvolvimento, que incluem o mundo natural e, em seguida, eles devem trabalhar através das instituições de desenvolvimento (os governos, mas também os mercados, o setor privado), tudo isso. E tudo isso surge em uma espécie de círculo virtuoso. É alentador.

Isso naturalmente também significa que nossa visão de

desenvolvimento sustentável deve incluir muitos outros países, continentes e sociedades do mundo, em vez de apenas a OCDE (Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico).

Peters: Gostei muito da expressão "círculo virtuoso". O que significa?

Mendis: Ela é o contrário do "círculo vicioso da pobreza" na literatura do desenvolvimento. A expressão "círculo virtuoso" destina-se a melhorar os "três pilares do desenvolvimento humano" propostos pelo UNDP: crescimento econômico, desenvolvimento social e proteção ambiental. Esses pilares são medidos pelo nível de renda per capita em termos de paridade do poder de compra, expectativa de vida e taxa de alfabetização como elementos de índices do desenvolvimento humano.

Peters: Então o novo conceito de desenvolvimento sustentável vai além dos índices per capita e dos cálculos econômicos?

Tay: Sim. Temos que observar que o desenvolvimento sustentável, sua sustentabilidade total, deve também ser uma idéia social. Deve haver abordagem mais inclusiva para os beneficiários do processo de desenvolvimento.

Juma: Existe forte questão a ser feita para abordar o "crescimento com equidade". O conceito de desenvolvimento sustentável formulado por Brundtland é particularmente forte neste ponto. Mas é necessário trabalhar mais para descobrir-se como fazer acontecer.

Arriscar-me-ia a sugerir que o ponto inicial mais importante não é a redistribuição da riqueza como tal, mas a redistribuição das capacidades humanas através do fornecimento de educação de qualidade (especialmente nos campos técnicos) para uma parcela mais ampla da população e, particularmente, para as mulheres. "Mulheres na ciência e tecnologia", por exemplo, é atualmente em grande parte um clichê que necessita ser traduzido em programas reais.

Mendis: Concordo. Não apenas com as mulheres, mas também com grupos minoritários subrepresentados.

Na história do desenvolvimento, fomos da abordagem de desenvolvimento de infra-estrutura das instituições de Bretton Woods na década de 1960 para a abordagem de desenvolvimento rural integrado na década de 1970; depois, nos anos 1980, o FMI (Fundo Monetário

Internacional) e o Banco Mundial estabeleceram um programa diferente que levou à abertura das economias dos países em desenvolvimento através de Programas de Ajuste Estrutural (SAPs). Agora estamos no estágio seguinte, que começou no início da década de 1990 com o Relatório do Desenvolvimento Humano do UNDP e que capturou a essência do desenvolvimento sustentável com a confluência da comunidade ambiental e o UNEP (Programa Ambiental das Nações Unidas).

A questão é como tudo isso se enquadra em um modelo de governabilidade global, transparência, abertura e Estado de Direito em uma economia aberta e voltada para o mercado? Professor Tay, poderia expandir esse ponto de vista das suas próprias observações na Ásia?

Tay: O que estou afirmando é que não apenas os nossos conceitos mudaram, mas os motores de desenvolvimento e os participantes beneficiários também mudaram. Nos períodos anteriores, os participantes foram em grande parte os governos que forneciam os fundos. Reconhecemos agora que, embora os governos desempenhem papel óbvio, o setor privado (e não quero dizer apenas as grandes multinacionais, mas o atuante setor privado que inclui companhias locais, empresas de pequeno e médio porte, bem como investimento direto externo) é fundamental no fornecimento de recursos para o desenvolvimento, dando a todos participação na sociedade.

Juma: Concordo que o setor privado é a forma mais eficaz de tradução de conhecimento em produtos e serviços.

É fundamental que os governos na África e outras regiões pobres do mundo percebam como criar espaço para o surgimento de empresas privadas. As universidades, por exemplo, deverão servir de incubadoras para as empresas. Elas deverão estimular novas empresas, da mesma forma que estimulam estudantes. As cerimônias de graduação deverão honrar estudantes e empresas.

Os planos de conservação e de comércio deverão ter a mesma importância das dissertações. As universidades deverão estabelecer esquemas de empréstimos para estudantes e os professores deverão continuar a aconselhar estudantes nas suas aventuras comerciais ou de conservação. As aventuras comerciais ou de conservação deverão ser interligadas com as universidades para formar novas ecologias institucionais governadas por normas sobre a divisão de lucros, administração de conflitos de

interesse e promoção de confluências benéficas. Este é apenas um exemplo das novas formas como podemos aproveitar os novos participantes.

Peters: Gosto dessa idéia de participantes, pois ela obviamente os considera tanto como recursos a serem alavancados quanto como beneficiários.

Tay: Sim, os participantes são beneficiários. Um dos principais desenvolvimentos atuais é essa conexão a outra palavra polêmica: "globalização". Muitas pessoas argumentam que a globalização é necessariamente prejudicial para o desenvolvimento (desenvolvimento sustentável), bem como para o meio ambiente.

Não acho que este seja necessariamente o caso. Acredito que podemos obter as políticas corretas e a execução certa, de forma a nos beneficiarmos da globalização. Cingapura é um exemplo de como se conseguiu isso de forma eficaz. A abertura para a economia global não significa necessariamente a destruição da sociedade nativa ou do meio ambiente local.

Juma: Existe medo da globalização. Isso ocorre parcialmente porque muitos países em desenvolvimento não fazem parte dela; este é certamente o caso da África. Uma das razões por que eles não participam é porque há muito tempo são dependentes da exportação de matérias primas e não de mercadorias acabadas. Sua capacidade tecnológica ainda é baixa e, portanto, são pouco competitivos.

Devemos encontrar formas de incentivar essas economias e fomentar a criatividade e inovação, dando-lhes uma oportunidade de inserção no mercado global. É, portanto, importante que as disposições de transferência de tecnologia do Acordo Trips (Direitos de Propriedade Intelectual Relativos ao Comércio) da Organização Mundial do Comércio sejam implementadas através dos canais bilaterais e multilaterais apropriados. Quanto mais esses países participarem da economia global como exportadores de produtos industriais, mais realizarão os benefícios da globalização.

A África encontra-se em momento de mudanças. As velhas ordens não estão indo bem, mas as novas ainda não nasceram. Considero isso oportunidade única para a reinvenção; provavelmente, a oportunidade mais importante que o continente já teve.

Também é um momento importante para a reeducação

entre os países industrializados. A arrogância que dirigiu as políticas de desenvolvimento internacional ao longo do período colonial e pós-colonial deverá dar lugar a novas idéias, especialmente as que vêm da própria África. A diversidade do continente também é um bem que permite maior experimentação e maiores oportunidades de sucesso. Devemos progredir com base nessa diversidade e não condená-la.

Tay: Sim, acredito que podemos utilizar essas condições para pessoas de todas as regiões em desenvolvimento. Devemos enfatizar fortemente o aspecto do desenvolvimento humano, de forma que os nossos povos possam ter razão para desenvolver seus conjuntos de conhecimentos para obter melhor vida para si próprios, oportunidades e os meios para aproveitar as oportunidades de desenvolvimento.

Peters: Existe muito a ser conversado sobre o estabelecimento de capacidades ao discutir o desenvolvimento sustentável. O estabelecimento de capacidades refere-se apenas ao desenvolvimento de população formada? Estamos falando do desenvolvimento de conjuntos de conhecimentos ou há algo que vai além disso, quando falamos do estabelecimento de capacidades?

Juma: Utilizo a expressão estabelecimento de capacidades para indicar três coisas: desenvolvimento de recursos humanos, desenvolvimento organizacional e inovações institucionais. O primeiro é fundamental, pois os indivíduos são parte fundamental do sistema de mudanças econômicas. Mas os indivíduos devem interagir.

É nesse ponto que a diversidade, caráter e dinamismo das organizações torna-se importante. Esses elementos proporcionam os meios através dos quais o potencial humano é transformado em bens e serviços.

Em seguida, existe o contexto institucional mais amplo, que inclui normas, rotinas e procedimentos. É aqui que os sistemas de governo devem ser fortalecidos para que as sociedades funcionem de forma efetiva.

Por fim, as instituições desempenham seis funções principais que são essenciais para a evolução societária: redução das incertezas ao fornecer-se informações e conhecimentos; fornecimento de incentivos para a adaptação e aprimoramento; administração de conflitos; promoção da cooperação; alocação de recursos; e

manutenção da continuidade.

O dinamismo institucional é grandemente influenciado pelas interações entre continuidade e adaptação. Esta abordagem revela que o estabelecimento de capacidades é um tema mais complexo que o que normalmente é retratado. Estamos em uma fase em que essa expressão foi vulgarizada e reduzida ao nível de atividades triviais, que envolvem seminários e oficinas de trabalho. E, claramente, é mais que apenas educação.

Tay: Mas a questão sobre educação é fundamental. Não devemos assumir que todos estão obtendo a educação de que necessitam. Se olharmos para algumas das escolas dos países em desenvolvimento, elas estão superadas. Elas não possuem instalações para atender ao vasto número de jovens.

Se olharmos para a qualidade da educação sendo fornecida por alguns países, podemos também ficar bastante preocupados. Não há dinheiro para educação técnica ou relativa a empregos, para fazer um laboratório ou uma oficina de trabalho. Na minha opinião, parte do estabelecimento de capacidades é o desenvolvimento de um processo de educação formal, tornando-o algo que possa ajudar uma pessoa a encontrar um lugar no mundo. Muitas vezes, você encontrará pessoas com muito boa educação que não têm essa capacidade, experiência ou os conhecimentos específicos de que o mercado necessita ou que deseje.

Mendis: É verdade. Pessoas com boa educação são forçadas a escolher entre o desemprego e deixar seus países, contribuindo para a drenagem de cérebros. Ou sua desesperança pode traduzir-se em tornar-se uma força destrutiva, como observamos em alguns países em desenvolvimento.

Tay: Eles se tornam uma perda para seus países; talvez uma perda apenas temporária, mas certamente uma perda. Se analisarmos, por exemplo, o Vale do Silício (se observarmos a quantidade de asiáticos ali), imaginamos por que a Ásia não possui seu próprio Vale do Silício? Por que pessoas formadas e qualificadas necessitam ir para os Estados Unidos para encontrar uma oportunidade? Podemos capitalizá-los se tivermos as políticas corretas. Todos esses fatores devem entrar em ação para que os países realmente tenham a capacidade de utilização de seu próprio povo.

Juma: Este é um ponto importante que reforça a

necessidade de observar de forma crítica o tipo de educação fornecido pelos países e as oportunidades criadas pelo governo para a utilização eficaz dessas capacidades.

Existe uma série de países em que as universidades colocam grande ênfase no treinamento de pessoas nas ciências sociais, principalmente a crítica social. É isso que eles fazem depois que se formam. Não deve ser surpreendente o fato de que alguns desses países também permanecem em estado constante de instabilidade política.

Mas posso pensar em forma diferente de crítica: a atividade inventiva. Todo aprimoramento de um produto existente é uma forma de crítica criativa. As patentes são declarações sobre produtos existentes. Toda patente afirma que o trabalho pode ser feito melhor de forma aprimorada. Esse tipo de crítica é igualmente destabilizante, mas é a instabilidade do mercado criativo, que é a essência do crescimento.

Esta é a lição que aprendemos da lógica de destruição criativa de Schumpeter ⁽²⁾. Por isso, observamos que necessitamos de inovações dos sistemas político e econômico.

Peters: Como conseguimos as condições corretas para este tipo de crescimento dinâmico? Isso é parte do papel do governo, ou vai além disso?

Tay: Acredito que os governos claramente (particularmente nos países em desenvolvimento) deverão desempenhar papel importante. Eles devem determinar quais são suas possíveis vantagens competitivas e quais são seus possíveis nichos em uma economia mundial globalizada.

Para esses países, esta é uma política que permanecerá muito mais importante do que foi, por exemplo, para os Estados Unidos. Espero que isso não resulte em selecionar vencedores e fazer amizade com certas companhias, mas acredito que a idéia de encontrar um setor principal é importante. Se você estiver no sul da Índia, você tem certa força na tecnologia de informação nas pessoas; você tem a infra-estrutura. Você deve estudar o que fazer com isso, o que você adiciona a isso.

Se você estiver em Xangai, quais são as forças que pode oferecer? Se você estiver na China continental, quais são as forças que pode oferecer?

Acho que todas essas são questões que os governos nacionais e locais devem examinar ao estudarem o desenvolvimento e o desenvolvimento sustentável.

Juma: Vejo muitas possibilidades de combinação de avanços na tecnologia da informação com avanços na genética para criar novos nichos de mercado para os países em desenvolvimento, construindo especialmente sobre sua base de recursos naturais. Esta é uma via que devemos certamente explorar na África. Essas oportunidades existem em biotecnologia industrial, ambiental, agrícola e médica.

Mendis: Mas tudo isso custará dinheiro e, para muitos especialistas em desenvolvimento, isso significa Assistência Oficial para o Desenvolvimento (ODA). Existe um grande debate nos Estados Unidos sobre isso, desejamos promover ODA ou ajudar a promover o comércio? Qual é a sua opinião a respeito?

Tay: Acredito que não seja uma questão de se utilizamos ODA todo o tempo ou se apenas dependemos do comércio todo o tempo. É uma questão mais complexa. Na China, por exemplo, pode-se ter Xangai muito desenvolvida, mas pode-se ter desenvolvimento rural que necessita muito de ODA.

Também sugeriria que devemos questionar o grau de precisão com que os países desenvolvidos compreendem quanto estão dando em ODA. Minha impressão é de que os norte-americanos acreditam que estão dando, não sei, 5,0% do PIB ou coisa parecida, mas realmente está entre 0,3 e 0,4%.

Juma: Acho que a ODA deveria ser reestruturada de forma a servir de incentivo para alavancar os recursos e mudanças locais. Ela deveria servir de desafio. No passado, a ODA serviu de recompensa para a adoção de certas posições no contexto da Guerra Fria. Esse período passou.

Necessitamos de novos modelos que recompensem a criatividade. Necessitamos de abordagens que promovam culturas inovadoras. A ODA deverá ajudar a financiar experiências institucionais locais, não uma série de práticas deslocadas. A ODA deverá ajudar os nativos a assumir riscos. Ela deverá ser utilizada para apoiar inovações, não atividades padrão.

E, acima de tudo, a ODA deverá concentrar-se no apoio a atividades que apresentem estruturas de longo prazo.

Menos financiamento em períodos mais longos é mais útil que mais dinheiro em estruturas de prazo mais curto.

Tay: Há um papel importante para ODA e mais é necessário. Mas houve muito desperdício lamentável de ODA (muitos elefantes brancos, muita corrupção e muitos projetos mal administrados), o que não ajuda no argumento por mais ODA.

E precisamos olhar para além da ODA. Os governos podem dar ODA, mas o que outras pessoas podem fazer? Existem muitas ocasiões em que as companhias podem fazer a coisa certa. As companhias podem investir bem, treinar populações locais, transferir conhecimentos, ajudar com técnicas de marketing e ajudar a desenvolver fornecedores locais; tudo sem prejudicar o resultado final e fazendo lucros. Eles podem observar um resultado final de desenvolvimento.

Juma: A questão pode não ser a magnitude da ODA, mas seu caráter, qualidade e objetivos. É nisso que precisamos concentrar-nos.

Para a África, a maior lacuna em qualquer campo está na área de inovação institucional. É aqui que a ODA deverá contribuir. Paradoxalmente, os doadores sempre relutaram a apoiar o desenvolvimento institucional e permaneceram a favor de atividades de projetos. Isso deverá mudar.

Mendis: As opções não são apenas comércio ou ODA. Cingapura detém alto nível de desenvolvimento de ciência e tecnologia em comparação com outros países vizinhos. Quanta importância você atribui aos direitos de propriedade intelectual como incentivo para o desenvolvimento econômico adicional?

Tay: A forma como vejo é que Cingapura fez uma transição. Como muitos países em desenvolvimento, anteriormente fomos uma espécie de paraíso da pirataria. Você podia comprar relógios falsificados nas ruas, software de graça ao adquirir um computador. Mas acredito que, devido à pressão dos Estados Unidos como nosso maior parceiro comercial e devido ao desenvolvimento das nossas próprias inovações e propriedade intelectual, isso mudou de forma expressiva.

Peters: Então Cingapura tem interesse crescente na proteção dos direitos de propriedade intelectual?

Tay: Sim. Um dos desafios da propriedade intelectual é para os países que detêm grandes promessas para o desenvolvimento futuro dos seus recursos biológicos; alguns dos países africanos mencionados pelo dr. Juma. Algumas disposições de propriedade intelectual permitiram que as companhias estrangeiras fizessem propriedade exclusiva do que, de outra forma, seria recurso para uma companhia local ou recurso comunitário. Não queremos reconhecer a biopirataria. Não acredito que devemos estar em posição de permitir que uma companhia estrangeira venha, melhore algo um pouco, coloque seu carimbo sobre isso e afirme "isso é nosso e somente nosso".

Devemos respeitar os direitos dos nativos ou da comunidade local. Este é um debate contínuo, especialmente aqui na Ásia. Observamos progresso com a concordância de companhias farmacêuticas em reduzir os preços de remédios contra HIV/Aids. Isso me parece ser o início de algo maior.

Juma: Observemos a situação na África. Acredito que esses países necessitam muito de instituições de propriedade intelectual. Mas o foco deverá ser na promoção da atividade inventiva, além da proteção aos direitos de propriedade intelectual. Os objetivos da Lei da Propriedade Industrial do Quênia, adotado em primeiro lugar em 1989, fornecem um bom exemplo.

Os escritórios de patentes que buscam promover a atividade inventiva também ajudarão essas sociedades a idealizar como fazer uso das tecnologias que já se encontram sob domínio público. Desta forma, haverá menos pressão política para restringir-se aos supostos impactos da proteção dos direitos de propriedade intelectual.

À medida que os países sobem na escada inventiva e começam a adicionar suas próprias patentes, eles começarão a apreciar a importância da proteção da propriedade intelectual. Mas eu aconselharia contra a utilização de uma lei modelo padrão para países em desenvolvimento.

Eu iria além e afirmaria que cada país necessita de leis separadas e instituições que promovam a inovação ao longo das linhas da lei proposta que está sendo agora discutida no Brasil. Ir além desse processo também estará de acordo com os resultados da Reunião Ministerial da Organização Mundial do Comércio em Doha de 2001 com relação à transferência de tecnologia.

Peters: A reunião da OMC em Doha foi aclamada por muitos como um sucesso importante. Quais você acha que são as possibilidades de que a Cúpula Mundial sobre o Desenvolvimento Sustentável de Joanesburgo seja favoravelmente considerada de forma similar?

Tay: Na verdade, não estou certo de quais serão os resultados. Não estou otimista sobre resultados significativos. O que espero é que observaremos algum compromisso por parte dos países desenvolvidos em reexaminar o que eu chamaria de barganhas reais e oferecer algum estabelecimento de capacidades técnicas e financeiras genuínas e ajudar os países em desenvolvimento a cuidarem das suas próprias questões domésticas, bem como as questões globais.

Também necessitamos fazer coisas práticas, tais como incentivar maior confluência e coordenação entre as instituições internacionais. Pois um dos principais problemas é que, quando falamos sobre o desenvolvimento sustentável do meio ambiente, ampliamos o conceito, tanto do meio ambiente para proteção, como da idéia de desenvolvimento.

Juma: A WSSD deverá ter três resultados principais. Primeiramente, deverá haver uma pequena declaração que confirme o conceito de "desenvolvimento sustentável" como tema central para fazer avançar os objetivos das Nações Unidas. Isso deverá ser construído com base na linguagem já fornecida na Declaração do Milênio.

Em segundo lugar, deverá haver decisão clara que fortaleça a "governabilidade de desenvolvimento sustentável" nas Nações Unidas. Isso poderá incluir o reconhecimento do Conselho Sócio-Econômico como conselho para o desenvolvimento sustentável, com o Departamento de Questões Sócio-Econômicas que serve de departamento para o desenvolvimento sustentável. As convenções de desenvolvimento sustentável deverão ser diretamente ligadas ao departamento de desenvolvimento sustentável. Os diversos programas e fundos das Nações Unidas deverão relatar-se ao conselho de desenvolvimento sustentável.

A Comissão das Nações Unidas sobre Ciência e Tecnologia para o Desenvolvimento deverá ser fortalecida e devem ser fornecidas medidas para o aconselhamento eficaz sobre ciência e tecnologia para o desenvolvimento sustentável.

Comissões econômicas regionais deverão considerar o papel lógico de serem comissões regionais de desenvolvimento sustentável com suas próprias estruturas que são análogas ao departamento de desenvolvimento sustentável. Elas deverão também produzir relatórios de desenvolvimento sustentável.

Por fim, a Vice-Secretaria Geral das Nações Unidas deverá ter a responsabilidade de coordenação com os chefes de organizações como a OMC, FMI e o Banco Mundial.

Com estas propostas, seria possível fortalecer a governabilidade com desenvolvimento sustentável, sem criar novas estruturas. A estrutura dessas organizações pode necessitar de competência de recursos humanos adicional, mas as Nações Unidas são suficientemente diversas para adaptar-se a novos desenvolvimentos sem a necessidade de novas organizações. Isso também deverá pôr termo à queixa fútil de que necessitamos de uma nova Organização Ambiental Mundial ou Global para cuidar de questões ambientais.

O conjunto final de resultados deverá concentrar-se em alianças ou parcerias para a sustentabilidade e, desta forma, a WSSD deverá servir de plataforma para o aprendizado da sustentabilidade global. Por fim, a WSSD deverá ser similar a um híbrido entre a Assembléia Geral das Nações Unidas e o Fórum Econômico Mundial.

Mendis: Houve algumas tentativas para ter-se coordenação mais próxima entre organizações internacionais como a UNEP e a OMC, para tentar abordar a conexão entre o meio ambiente, desenvolvimento e comércio; por exemplo, o Comitê da OMC sobre Comércio e Meio Ambiente.

Tay: Mas quem está na chefia? A OMC recusa-se, quase ruidosamente, a falar sobre desenvolvimento sustentável de forma significativa. Eles acham que são uma organização comercial. O FMI, o Banco Mundial; estes são "organizações de desenvolvimento". Temos então as organizações que cuidam do meio ambiente.

Assim, esses conjuntos de instituições (não um governo isolado) necessitarão atingir muito mais diálogo entre eles e os que são consideravelmente mais fracos, como a UNEP e a Organização Internacional do Trabalho (OIT), podem necessitar de algum fortalecimento para que tenham lugar à mesa em que se encontram essas questões internacionais maiores.

Peters: Você acredita que o papel para a definição do equilíbrio entre essas organizações permanece com a legião de participantes internacionais ou é responsabilidade dos países e participantes nos países?

Tay: Deve haver assistência externa, mas os participantes deverão ser nacionais e locais. Existe papel apropriado para assistência dos países desenvolvidos e instituições internacionais. Caso contrário, estamos dependendo demais de pessoas que têm muito pouco. Os recursos entre os países em desenvolvimento não são muitos. Eles são magros.

Caso desejemos enfatizar junto às organizações internacionais o comércio e a globalização de que sempre falamos, as organizações internacionais devem também ter as estruturas corretas para abordar essas iniciativas em nível nacional.

Juma: A discussão sobre cooperação entre as diversas agências às vezes é mal colocada. Essas organizações necessitam fazer mais em suas próprias obrigações antes de poderem encontrar vias significativas de cooperação.

A UNEP, por exemplo, fez muito pouco para ajudar a desenvolver padrões e normas técnicas que poderão auxiliar a fortalecer o trabalho nos regimes comerciais. Sua preocupação atual com o governo é má substituta para o trabalho urgente que necessita ser feito em nível técnico.

De fato, questões técnicas, tais como padrões, são ferramentas de governo poderosas. É por isso que, em parte, os mercados são auto-organizados; eles o fazem através de amplas redes de padrões que orientam o comportamento corporativo. É isso o que muitos estão descrevendo quando se referem às "regras do jogo". A UNEP necessita fazer mais neste campo, da mesma forma que as convenções de desenvolvimento sustentável e ambientais multilaterais.

A OMC, por outro lado, necessita fazer mais com base no seu Comitê sobre Comércio e Meio Ambiente.

É através do fortalecimento dos esforços desses organismos que encontraremos mais áreas de cooperação mútua e a criação de ecologia institucional internacional mais estável e robusta. A governabilidade sustentável global será fortalecida através dessa auto-organização e não através de abordagens antiquadas que enfatizem o conflito e a justaposição entre comércio e meio ambiente.

As discussões sobre "desenvolvimento sustentável" podem ser fúteis e frustrantes. Devemos definir nossas áreas de ação, como estamos fazendo nesse diálogo.

Acredito que o ponto de mudança fundamental está no Relatório Brundtland, especialmente na sua ênfase sobre o restabelecimento do crescimento e a necessidade de repensar sua qualidade e direção. O que é particularmente importante neste caso é a ênfase sobre a genialidade humana, expressa nas inovações tecnológicas e institucionais. É isso o mais duradouro no Relatório Brundtland e o que falta na continuidade da Conferência do Rio. Esse é o legado sobre o qual a WSSD deverá prosseguir.

Países como os Estados Unidos recompensam a inovação e a criatividade e lideram no mundo da ciência e tecnologia; eles estão em melhor posição para contribuir significativamente com a melhoria das condições humanas no mundo em desenvolvimento.

Estamos iniciando o que poderia ser chamado de desenvolvimento com base em inovações, em que os Estados Unidos e outras nações desenvolvidas detêm vantagem competitiva sobre as demais nações. As inovações institucionais e tecnológicas deverão tornar-se o ponto de fusão da política de desenvolvimento internacional dos Estados Unidos. Existem muitos outros países que estão pendendo nessa direção e podem beneficiar-se da liderança decisiva dos Estados Unidos.

¹ O Relatório Brundtland, também conhecido como "Nosso Futuro Comum", influenciou a visão mundial sobre a urgência de fazer progressos rumo ao desenvolvimento econômico que poderá ser sustentado sem esgotar recursos naturais ou danificar o meio ambiente. Um grupo internacional de políticos, servidores públicos e especialistas no meio ambiente e desenvolvimento, presidido pelo dr. Gro Harlem Brundtland, da Noruega, definiu o desenvolvimento sustentável em 1987 como o "desenvolvimento que atende às necessidades do presente sem comprometer a capacidade das gerações futuras em atender suas próprias necessidades" Essa declaração tornou-se a base do pensamento sobre desenvolvimento.

² Joseph Alois Schumpeter, 1883-1950, economista norte-americano nascido na Áustria.

As opiniões expressas neste artigo não refletem, necessariamente, as opiniões ou políticas do governo dos Estados Unidos.

Desenvolvimento Sustentável: Lições Aprendidas e Desafios à Frente

Frannie A. Léautier
Vice-presidente, Instituto Banco Mundial

O Banco Mundial forneceu mais de US\$ 17 bilhões em empréstimos no ano passado a mais de cem países em desenvolvimento, com o objetivo principal de auxiliar na redução da pobreza. Acreditando que o conhecimento constrói a capacidade e o estabelecimento da capacidade gera o crescimento, segurança e capacitação dos pobres, grande parte do trabalho do banco concentrou-se na promoção do aprendizado e no compartilhamento de conhecimento e experiências. As abordagens de aprendizado do banco incluem inovações tais como redes de conhecimento eletrônico global e aprendizado a distância, para estender o alcance do conhecimento e aprendizado, que gera melhor qualidade de vida e redução da pobreza em todo o mundo.

O desenvolvimento sustentável é central para a missão de redução da pobreza do Banco Mundial. Realizou-se progresso na redução da pobreza nos últimos dez anos e a pobreza absoluta foi reduzida em quantidades impressionantes, apesar do crescimento das populações pobres. Durante a última geração, a expectativa de vida cresceu em vinte anos e o número de adultos alfabetizados dobrou. Entretanto, cerca de 3 bilhões de pessoas (quase a metade da população mundial) vivem com menos de US\$ 2 por dia, mais de 1,5 bilhões de pessoas não possuem água limpa para beber e, nos próximos 25 anos, espera-se que a população mundial aumente em mais 2 bilhões de pessoas, a maior parte em países pobres.

A missão de redução da pobreza e os esforços de desenvolvimento sustentável do Banco Mundial significam trabalhar através das fronteiras setoriais tradicionais em meio ambiente, agricultura, saúde, educação, energia, água e instalações sanitárias, desenvolvimento social e infra-estrutura. Nossa abordagem para o desenvolvimento sustentável significa o comprometimento com o estabelecimento de relações de trabalho cooperativas a longo prazo com parceiros nos setores público e privado e com a sociedade civil, para estabelecer capacidades e ajudar nossos clientes a atingirem seus objetivos de desenvolvimento sustentável.

Os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (MDGs) fornecem estrutura para todos os esforços de desenvolvimento sustentável e redução da pobreza. Esses objetivos, estabelecidos por mais de 150 chefes de Estado e de governo na Cúpula do Milênio das Nações Unidas em 2000, fornecem os objetivos mensuráveis de que necessitamos para medir coletivamente o progresso global na melhoria dos padrões de vida. Nosso programa de empréstimos e trabalho político apoiará diretamente o atingimento dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio.

Como Traduzir as Lições Aprendidas e as Experiências Operacionais em Políticas e Práticas

O Banco Mundial utiliza suas lições de experiência na implementação da redução da pobreza e de projetos e programas de desenvolvimento sustentável para ampliar o apoio aos países em desenvolvimento. Aumentamos a eficácia dos nossos programas através de programas de assistência a países que sejam mais seletivos, mais participativos e melhor coordenados. Como uma das maiores fontes de assistência ao desenvolvimento do mundo, o Banco Mundial forneceu mais de US\$ 17 bilhões em empréstimos no ano passado a mais de cem países em desenvolvimento, com o objetivo principal de auxiliar na redução da pobreza. É somente através do desenvolvimento sustentável que essa assistência pode ser eficaz.

O Banco Mundial é o maior fornecedor externo de fundos para programas de saúde e educação do mundo e para a luta global contra o HIV/Aids. Desde 1996, lançamos mais de 600 programas de combate à corrupção e iniciativas de governo em quase cem países clientes. Desde 1988, o Banco Mundial tornou-se um dos maiores fornecedores de fundos internacionais para projetos de biodiversidade e o portfólio atual dos nossos projetos com objetivos ambientais claros é de US\$ 16 bilhões.

O Banco Mundial está abordando preocupações ambientais globais, como agência de implementação da Facilidade Ambiental Global (GEF), e trabalha de perto com a GEF no apoio a projetos em conservação da biodiversidade, bem como projetos que abordem mudanças climáticas, a exclusão de substâncias que esgotam o ozônio e a proteção das águas internacionais. Através da nossa cooperação com o Fundo Multilateral do Protocolo de Montreal, apoiamos programas em vinte países para a exclusão de substâncias que esgotam o ozônio. A inclusão das prioridades da Convenção da Biodiversidade, da Convenção Estrutural sobre Mudanças Climáticas e da Convenção sobre a Desertificação em nossos empréstimos de investimentos regulares está em andamento.

Estratégias de Redução da Pobreza

Estratégias eficazes de redução da pobreza e empréstimos destinados à pobreza são fundamentais para atingir-se os objetivos de desenvolvimento. Muitas das lições aprendidas pelos países sobre a redução da pobreza e desenvolvimento sustentável estão sendo colocadas em

ação através do processo de desenvolvimento do Documento Estratégico de Redução da Pobreza (PRSP). James D. Wolfensohn, presidente do Banco Mundial, descreveu recentemente os PRSPs como estratégias que necessitam "basear-se em ampla participação e aprovação dos cidadãos, ter escopo abrangente, perspectiva de longo prazo, abordagem orientada para resultados e ser apoiadas por parceiros externos". (Observações inaugurais na Conferência Internacional sobre Estratégias de Redução da Pobreza, 14 de janeiro de 2002.) Esta abordagem para a redução da pobreza reconhece que o desenvolvimento é um processo abrangente, holístico e de longo prazo e é uma abordagem que reconhece a multidimensionalidade da pobreza.

As estratégias de redução da pobreza de propriedade dos países proporcionam a base para todos os empréstimos de concessão do Fundo Monetário Internacional, bem como o perdão de dívidas com base na Iniciativa Países Pobres Altamente Endividados (HIPC). Oito países preencheram seus primeiros PRSPs e mais de quarenta prepararam PRSPs provisórios. Em parceria com a comunidade doadora e o Fundo Monetário Internacional (FMI), 24 países pobres altamente endividados receberão mais de US\$ 34 bilhões em perdão do serviço da dívida.

Estabelecimento de Capacidade e Aprendizado

A Agenda 21, acordo central que surgiu da ECO-92 no Rio, enfatiza a importância do estabelecimento de capacidades para o desenvolvimento sustentável. O Banco Mundial está totalmente comprometido com o estabelecimento de capacidade e aprendizado como essencial na luta para a redução da pobreza e o desenvolvimento sustentável. Muito do nosso trabalho concentra-se na promoção do aprendizado, compartilhamento de conhecimentos e experiências e estabelecimento da capacidade de pessoas e instituições.

Nosso processo de aprendizado significou beneficiar-se das lições dos nossos sucessos e fracassos, bem como das lições dos demais. O conhecimento constrói a capacidade e o estabelecimento da capacidade gera o crescimento, segurança e capacitação dos pobres. Concluímos que a melhor forma de estabelecimento de capacidades é através da criação de um ambiente capacitador, em que se permite que o conhecimento local floresça e contribua com o conhecimento global; em que as pessoas aprendem umas das outras à medida que também inovam por si próprias; e em que o conhecimento local e global informa as ações e influencia

as mudanças. A capacidade de uma sociedade para solucionar problemas e inovar é fundamental para o desenvolvimento sustentável. É isso que assegura um processo de aprendizado.

O Instituto do Banco Mundial (WBI) apóia a agenda de aprendizado e conhecimento do banco, através do estabelecimento de capacidade e fornecimento de programas de aprendizado e conselhos políticos que abordem questões centrais para a redução da pobreza e desenvolvimento sustentável. O WBI fornece atualmente cerca de 600 programas de aprendizado e atinge mais de 48.000 participantes em 150 países, através de colaboração com mais de 160 instituições parceiras.

Através dessas parcerias, que incluem institutos locais, bem como países doadores e o setor privado, o Banco Mundial e instituições parceiras estão utilizando tecnologia para ajudar a levar o conhecimento aos cantos mais remotos e inacessíveis da Terra. Nossas abordagens de aprendizado freqüentemente combinam ensino a distância e face a face, através de meios novos e tradicionais, incluindo a Internet e videoconferências.

Estamos dando passos largos no fechamento do divisor digital, através, por exemplo, do desenvolvimento e ampla utilização de redes de conhecimento eletrônicas globais e iniciativas de ensino a distância, tais como a Rede Global de Ensino a Distância (GDLN). Esse tipo de inovações estenderá grandemente o alcance do conhecimento e aprendizado, para que o desenvolvimento sustentável aumente a qualidade de vida e reduza a pobreza em todo o mundo.

Os clientes utilizam as oportunidades de aprendizado e conhecimento que obtêm dos oferecimentos do WBI para fazer mudanças reais em seus países. Uma autoridade pública de Chiapas, México, que participou de uma série de ensino sobre o combate à corrupção para autoridades públicas, implementou um programa no seu Estado ao retornar. As mudanças que instituiu resultaram em aumento de 64% dos recursos recolhidos no seu Estado.

Participação do Banco Mundial na WSSD

O Banco Mundial está desempenhando papel ativo nas preparações para a Cúpula Mundial sobre o Desenvolvimento Sustentável (WSSD) a ser realizada em Joanesburgo em agosto de 2002. Como afirmou Ian Johnson, vice-presidente do banco para a Rede de Desenvolvimento Social e Ambientalmente Sustentável

(ESSD), durante a mais recente reunião preparatória da WSSD: "A abordagem do Banco Mundial para o desenvolvimento sustentável foi consideravelmente modificada desde a ECO-92 do Rio. Restringimos o foco do nosso trabalho à pobreza, expandimos o apoio aos serviços sociais, crescimento eqüitativo com bases amplas, boa governabilidade e inclusão social, e estão integrando considerações ambientais e de sexo em seus esforços de desenvolvimento."

À medida que nos aproximamos da Cúpula de Joanesburgo, o Banco Mundial:

- ♦ apóia o processo das Nações Unidas e está participando completamente de reuniões preparatórias regionais e globais na preparação para a cúpula;
- ♦ apóia o foco de redução da pobreza da agenda de desenvolvimento sustentável;
- ♦ apóia fortemente o alinhamento dos objetivos da cúpula e os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio;
- ♦ espera observar aumentos da assistência ao desenvolvimento, mobilização de recursos domésticos e acesso aos mercados;
- ♦ incentiva a adoção de "responsabilidade pelo desenvolvimento sustentável" em contas nacionais.

O Banco Mundial está preparando uma série de contribuições para a Cúpula de Joanesburgo. O Relatório do Desenvolvimento Mundial 2002/2003, intitulado "Desenvolvimento Sustentável com Economia Dinâmica: Crescimento, Pobreza, Coesão Social e Meio Ambiente", ajudará a estabelecer uma visão integrada do desenvolvimento sustentável. Estamos também conduzindo trabalho analítico em uma série de questões temáticas fundamentais, incluindo o financiamento inovador para o desenvolvimento sustentável, pobreza e ligações ambientais, responsabilidade "verde" e levantamento de estoque da nossa implementação da Agenda 21.

Desafios Futuros

Enfrentamos desafios enormes na redução da pobreza global e melhoria da qualidade de vida para os povos de todo o mundo. Necessitamos dar continuidade aos nossos

esforços para ampliar o trabalho de desenvolvimento bem sucedido com base nas lições aprendidas. Também necessitamos compartilhar o conhecimento e as experiências sobre o que funcionou de formas que resultem em impacto maior sobre uma escala muito mais ampla. A natureza e a magnitude dos desafios variará, dependendo do contexto local, regional e nacional.

Grande parte do nosso impacto vem do trabalho conduzido em nível local. Instituições parceiras em países clientes desempenham papéis cada vez mais importantes ao assegurarem que os programas baseiem-se nas condições sociais e na cultura local. Nossas relações de trabalho com parceiros também ajudam a estabelecer capacidade local a longo prazo.

Em nível global, o Banco Mundial continuará a trabalhar com governos, sociedade civil, organizações multilaterais e o setor privado. Como afirmou Ian Johnson, "ao mover-nos adiante, precisamos procurar aumentar nosso impacto em termos de resultados, trabalhando em escala que seja compatível com o desafio de desenvolvimento. E, para sermos verdadeiramente eficazes, necessitamos trabalhar em conjunto."

As opiniões expressas neste artigo não refletem, necessariamente, as opiniões ou políticas do governo dos Estados Unidos.

Arquitetura Ambiental Celebra a Abundância, Fábricas de Verde e a Próxima Revolução Industrial

O projetista de renome internacional William McDonough que, em 1996, foi o único indivíduo a receber o Prêmio Presidencial para o Desenvolvimento Sustentável, acredita que tudo, desde carros até centros urbanos, pode ser projetado de forma a nunca poluir.

A empresa de arquitetura William McDonough & Parceiros projetou instalações empresariais para a Nike Europe e a Gap Inc. e construiu uma fábrica para o fabricante de mobiliário Herman Miller. Na Faculdade de Oberlin, no Estado de Ohio, a McDonough & Partners criou um centro de estudos ambientais que purifica sua própria água e é projetado com base no conceito de que um edifício poderá produzir mais energia do que consome. Em 1999, McDonough assinou contrato com a Ford Motor Company para reprojeter sua incômoda fábrica de River Rouge, de 80 anos, em Dearborn, Michigan. O plano convoca restauração ambiental/industrial ambiciosa, primeira da sua espécie, que levará vinte anos para completar-se. Em 1995, o arquiteto formou equipe com o químico alemão Michael Braungart para criar uma companhia denominada McDonough Braungart Design Chemistry, especializada em materiais industriais seguros para o meio ambiente, que trabalha com clientes tais como Nike, Ford, BASF e BP para elaborar o que McDonough denomina "a próxima revolução industrial". McDonough foi entrevistado por Jim Fuller.

Pergunta: Suas empresas enfatizam que o crescimento sem poluir o meio ambiente é possível. Você pode discorrer sobre isso?

McDonough: Desejamos seguir as leis da natureza e, nesse contexto, o crescimento é bom. O crescimento de uma árvore é bom. O crescimento de uma criança é bom. E, ainda assim, os seres humanos preocupam-se com o crescimento como se fosse algo negativo. Isso é porque a maior parte das coisas que os seres humanos estão fazendo crescer está apresentando problemas, como o asfalto. As empresas afirmam que devemos ter crescimento para manter o comércio. Mas os ambientalistas afirmam que precisamos parar de crescer por estarmos destruindo o mundo. Isso ocorre porque o crescimento não está seguindo as leis da natureza. Mas e se o crescimento fosse bom? E se uma fábrica que produz

materiais têxteis também purificar a água e fabricar oxigênio? Por isso, a discussão não é entre crescimento e não crescimento. A discussão é sobre o que você deseja que cresça. Você deseja doença ou saúde? Pobreza ou prosperidade? Como aponta Michael Braungart, com cada caso de leucemia criamos algo em torno de nove empregos. É este o nosso programa de criação de empregos?

Para nós, não é questão de ser mau ou menos mau, queremos apenas fazer coisas boas que as pessoas e a natureza desfrutem. Desejamos ser fabulosos em tudo: fabulosos social, econômica e ecologicamente. Não estamos buscando regulamentações governamentais mais rigorosas. Para nós, uma regulamentação é um sinal de algum tipo de fracasso de projeto. Acreditamos que tudo, desde carros até centros urbanos, pode ser projetado de forma a nunca poluir. Não desejamos minimizar os resíduos; queremos eliminar todo o conceito de resíduo. Imagine uma fábrica automotiva que seja 100% alimentada por energia solar, ou que até produza energia em excesso. Imagine fábricas que não exijam tratamento de água residual porque a reciclam várias e várias vezes de forma limpa. Desta forma estamos celebrando bom crescimento seguindo as leis da natureza. Esta é a nossa estratégia fundamental.

P: Como a sua filosofia está sendo aplicada ao seu plano de transformação da velha fábrica de River Rouge da Ford Motor Company em um modelo da industrialização sustentável do século XXI?

McDonough: A fábrica de River Rouge foi a primeira instalação industrial em larga escala integrada verticalmente. Ela era considerada de vanguarda quando Henry Ford introduziu ali a tecnologia de linha de montagem automatizada em 1927. Era uma espécie de marco zero da Revolução Industrial. Minério de ferro e carvão entravam de um lado e os carros terminados saíam no outro. Matéria prima entra, produtos acabados saem. Com 1.100 acres (440 hectares), era uma das maiores instalações industriais dos Estados Unidos do início do século XX. Na década de 1980, grande parte do complexo era obsoleto e contaminado e, atualmente, detém todos os refugos de 80 anos de produção. E você pode imaginar a aparência do solo.

Embora a reconstrução completa do local seja um projeto de vinte anos, a primeira fase do plano de reprojeto (a construção de uma nova fábrica de montagem de vanguarda) será completada em 2003. As novas fábricas

serão extremamente flexíveis, permitindo plataformas intercambiáveis de forma a poderem produzir diferentes modelos de veículos e reagir muito mais rapidamente aos mercados. Os novos edifícios terão muito espaço aberto e luz do dia; não serão escuros, como são hoje.

Mas, para o longo prazo, desejamos tornar a fábrica sustentável. Assim tudo volta para a natureza. Tentaremos restaurar o solo e a água para condições saudáveis. É um ato de restauração, um ato saudável. Desejamos um local que fabrique oxigênio. Atualmente, tudo o que ela faz são partículas de poeira contaminada. Assim, a nova fábrica de montagem da Ford terá um teto "vivo" de 450.000 pés quadrados (135.000 metros quadrados), conhecido como teto "habitat", talvez o maior teto "vivo" do mundo. Consistindo de finas camadas de materiais absorventes, nutrientes e plantas, o teto absorverá a água da chuva, capturará partículas suspensas no ar e isolará a fábrica - e os pássaros também o adorarão. Assim, em vez da água da chuva atingir uma superfície dura, a água atinge algo macio, é filtrada, purificada e leva três dias para que esorra novamente para o Rio Rouge. Atualmente, ela leva menos de dez minutos para correr de volta para o rio, carregada de substâncias químicas e compostos tóxicos.

As plantas também produzem oxigênio, absorvem as emissões de dióxido de carbono e absorvem partículas para melhorar o ar. Desta forma, as plantas limpam o ar. E, desta forma, se um edifício pode atuar como uma árvore, imagine uma cidade inteira que seja como uma floresta. Qual seria a qualidade do ar? Qual seria a temperatura em uma cidade que tivesse jardins em todos os tetos, em vez de asfalto negro? Seria possível mudar a temperatura da cidade em um ou dois graus no verão e fornecer brisas frias.

Os estacionamentos da Ford também estão sendo reprojeto para que sejam porosos. Eles são construídos com pedras de tamanho muito similar, de forma que a água é realmente absorvida e filtrada através delas. Elas se parecem com uma esponja, mas são perfeitamente flexíveis e muito duráveis. Assim, o estacionamento absorve a água (como um reservatório gigante) e a libera em um pântano construído que rodeará o complexo industrial, purificando-se ao longo do caminho. Baixadas para águas de tempestades e tanques de retenção também regularão o fluxo de água.

P: Qual será o custo disso para a companhia?

McDonough: As instalações reprojeto, na verdade,

farão com que a Ford economize dinheiro de energia, resíduos e potenciais custos de cumprimento ambiental. O teto habitat, com o pavimento poroso, e o pântano habitat custarão cerca de US\$ 13 milhões. Entretanto, eles fazem com que a Ford deixe de gastar até US\$ 48 milhões na construção de canos subterrâneos e instalações de tratamento de produtos químicos para atender aos padrões estabelecidos pela Agência de Proteção Ambiental (EPA) dos Estados Unidos. Desta forma, a Ford poderá estar economizando até US\$ 35 milhões e obtendo um belo cenário em troca.

P: Outras companhias estarão dispostas a investir milhões para benefícios intangíveis similares a longo prazo?

McDonough: Acredito que qualquer executivo-chefe inteligente reconhece que a saúde, segurança e produtividade dos seus funcionários são o maior ativo no balanço da empresa. Manter as pessoas felizes e produtivas pode fazer uma enorme diferença. A fábrica de mobiliário Herman Miller em Holland, Michigan, que completamos em 1995, é cheia de luz do dia e ar fresco. Ele ganhou o primeiro Prêmio anual Bom Projeto é Bom Negócio, promovido pela revista "Business Week" e pelo Instituto Norte-Americano de Arquitetos. Monitores de luz no telhado canalizam fluxos de luz solar para o piso da fábrica e pântanos artificiais construídos em volta da fábrica retêm e purificam os resíduos da água das tempestades. Ela também usa menos energia que uma fábrica normal, devido à luz do dia. A produtividade da companhia aumentou 25% depois que os funcionários se mudaram para o novo edifício. Esse aumento de produtividade vale US\$ 60 milhões de produção adicional por ano para a Herman Miller. O novo edifício custou US\$ 15 milhões e eles estão obtendo lucros significativamente maiores com o aumento da produção com o mesmo número de pessoas felizes. Pergunte a qualquer executivo-chefe se ele(a) aceitaria mais de 100% de retorno anual por um investimento. Por ano. É surpreendente.

Também projetamos as instalações empresariais da Gap em San Bruno, Califórnia. É uma estrutura coberta por um teto de vidro ondulado e cheia de luz. O teto de grama capta e filtra a água das tempestades e fornece isolamento térmico e acústico. O teto desvia a luz solar direta para os espaços internos. Ele também apresenta a utilização inovadora de pisos computadorizados elevados em todo um edifício. Um sistema de ventiladores movimenta o ar abaixo dos pisos por toda a noite, retirando ar fresco. No dia seguinte, as lajes de concreto do edifício estão frias da

noite anterior e refrescam o ar que é fornecido para as pessoas. Desta forma, resfriamos a massa do edifício da mesma forma que uma velha fazenda. Não necessitamos simplesmente bombear energia e utilizar eletricidade para o condicionamento de ar. Mas criamos o mesmo efeito, utilizando a metade do equipamento a um terço do custo. O projeto Gap ganhou o prêmio especial da Pacific Gas & Electric como um dos novos edifícios comerciais mais eficientes com relação à energia na Califórnia. Outros edifícios que receberam prêmios por baixo uso de energia apresentaram muito pouca luz do dia ou ar fresco. Fornecemos 100% de ar fresco e luz do dia a todos os indivíduos da fábrica da Gap. Fornecemos produto muito superior pelo mesmo preço; apenas desenvolvemos nossos recursos de forma diferente.

P: Suas idéias podem ser aplicadas ao mundo em desenvolvimento?

McDonough: Claro que sim. Na verdade, sou o copresidente do Centro Sino-Americano para o Desenvolvimento Sustentável. As idéias para o mundo em desenvolvimento são as mesmas aqui; elas envolvem tecnologias diferentes para diferentes circunstâncias. Assim, não estamos dizendo que levaremos nossa tecnologia da forma em que se encontra para outras culturas. Estamos simplesmente afirmando que as leis da natureza aplicam-se a todos nós e necessitamos encontrar formas de celebrar essas leis dentro do contexto local.

Uma das coisas que estamos tentando incentivar são franquias micro-solares. Estamos desenvolvendo novas tecnologias solares que possam ser fabricadas pelas pessoas do local em locais próprios. Poderemos oferecer a alguns jovens empresários 500 coletores solares que fabricarão energia. Eles podem utilizar essa energia para criar uma pequena fábrica que produza coletores solares. Eles seriam necessários para dar os primeiros coletores que produzirem para outros, da mesma forma que lhes demos seus primeiros coletores. Existe, portanto, exemplo multiplicador. As pessoas podem fabricar seus próprios coletores solares, iniciar pequenas companhias e, em seguida, ajudar a criar novas companhias que se expandem rapidamente. Estamos então realmente trabalhando de baixo para cima.

Q: Você pode discutir sua idéia sobre mudar a forma como fazemos as coisas e projetar sobrevida produtiva para materiais no seu próprio começo?

McDonough: Enquanto a atividade humana for tão

destrutiva, todos nós achamos que temos que tentar tornar-nos mais eficientes, ou tentar ser menos ruins. Mas consideremos a cerejeira: ela não é "eficiente". Ela fabrica milhares de flores para que outra árvore possa germinar. A abundância da árvore é útil e segura. Depois de caírem no chão, as flores retornam para o solo e tornam-se nutrientes para o ambiente ao seu redor. Cada partícula contribui de alguma forma com a saúde de um próspero ecossistema. É por isso que preferiríamos ser "eficazes", em vez de eficientes. Gostaríamos de fazer certo a coisa certa e não errado a coisa certa. "Resíduo é igual a alimento" é o primeiro princípio da nossa próxima revolução industrial. Mas a indústria humana, atualmente, é severamente limitada por seguir tipicamente uma linha de fabricação linear, de sentido único, do berço para o túmulo, em que as coisas são criadas e eventualmente descartadas, normalmente em um incinerador ou aterro. Ao contrário dos resíduos do trabalho da natureza, os resíduos das indústrias humanas não são alimentos. Na verdade, freqüentemente são venenos.

Há alguns anos, formei equipe com um químico alemão de nome Michael Braungart e criamos uma empresa de pesquisa denominada McDonough Braungart Design Chemistry. Acreditamos que existem dois metabolismos fundamentais no mundo. Um é biológico e o outro é técnico. Acreditamos, portanto, que as coisas deverão ser projetadas para voltar ao solo de forma segura ou para a indústria. E nada mais deverá ser feito. Os nutrientes biológicos, por exemplo, deverão ser projetados para retornar ao ciclo orgânico, para serem literalmente consumidos por microorganismos e outras criaturas no solo. A maior parte das embalagens, que compõem até cerca de 50% do volume do nosso lixo sólido, deverá ser composta de nutrientes biológicos; materiais que possam ser lançados ao solo para biodegradação. Não é necessário que coisas como frascos de xampu, recipientes de sucos e outras embalagens durem décadas ou até séculos mais que o produto no seu interior.

Por isso, estamos trabalhando com a empresa química alemã BASF sobre uma nova fibra de nylon que seja verdadeira e realmente reciclável. Após a fibra ser tecida na forma de produtos como tapetes, ela pode ser devolvida ao fabricante para ser refabricada; o seu tapete pode reencarnar a cada redecoreção. Também auxiliamos uma companhia suíça, Rohner Textile, a criar um tecido de tapeçaria tão seguro que se poderia literalmente comê-lo. O tecido é feito de rami e lã - mistura de fibras animais e vegetais seguras e livres de pesticidas. Para encontrar tintas seguras para o tecido, examinamos mais de 8.000

substâncias químicas utilizadas na indústria têxtil e eliminamos 7.962. O tecido foi criado utilizando-se apenas 38 substâncias. Ao ser removido da estrutura após a vida útil de uma cadeira, o tecido e suas costuras serão decompostos naturalmente e servirão de matéria vegetal para jardins. Descobriu-se que a água que saía da fábrica da Rohner Textile após a filtragem através do pano durante a produção era tão limpa quando a água potável suíça que entrava na fábrica.

P: À luz da próxima Cúpula Mundial sobre o Desenvolvimento Sustentável em Joanesburgo, África do Sul, o que você acredita que o mundo pode fazer para fazer avançar o desenvolvimento sustentável?

McDonough: Precisamos aprender a celebrar a abundância do mundo, em vez de simplesmente lamentar os seus limites. Existe abundante luz do sol, água e crianças. Por que não celebrar isso? E encontraremos formas inteligentes de fazê-lo. Enquanto somente pensarmos que estamos esgotando o mundo sem esperanças, tudo com o que nos preocupamos são os limites do crescimento convencional. Esqueçamos isso. Celebremos o crescimento das coisas boas, como a energia solar e alimentos saudáveis. Celebremos a inteligência humana. Do ponto de vista ambiental, isso significa que nunca olhamos para uma criança nascida na Índia e dizemos que "existe um problema populacional". Porque no momento em que dissermos algo como isso, os direitos humanos deixarão de existir. Por isso, os ambientalistas, governos e homens de negócio não deverão apenas levantar-se e dizer: "Temos um problema populacional e não temos recursos suficientes para sobreviver." Eles devem também levantar-se e perguntar: "Até que ponto amamos cada uma dessas crianças?" E essa não é a única questão que precisamos fazer pois, se começarmos a honrar as leis da natureza, também desejamos honrar as mulheres como parceiras iguais. E, como observamos caso a caso, quando as mulheres são honradas na sociedade (quando as mulheres são tratadas de forma igual aos homens e detêm oportunidade igual de educação - as populações são niveladas), a questão populacional torna-se algo com que todos podemos viver.

Jim Fuller é editor gerente de Questões Globais e escreve freqüentemente sobre questões ambientais.

As opiniões expressas neste artigo não refletem, necessariamente, as opiniões ou políticas do governo dos Estados Unidos.

Conservação da Diversidade Biológica Incentivo da Sustentabilidade no México e América Central

Elsa Chang

Diretora, Projeto Corredor Biológico da América Central e do México, Instituto de Recursos Mundiais

Projeto ambicioso para criar sustentabilidade ambiental e econômica sendo planejado na América Central. Os governos da região, organizações internacionais, organizações não governamentais e a Agência Norte-Americana para o Desenvolvimento Internacional estão contribuindo com o plano. Este artigo é baseado em um estudo abrangente da busca desse objetivo - *Defining Common Ground for the Mesoamerican Biological Corridor* (Definição de Campo Comum para o Corredor Biológico da América Central e do México) da Sra. Chang e seus associados Kenton Miller e Nels Johnson.

Por milhões de anos, a América Central e o México serviram de ponte do Hemisfério Ocidental, ligando a América do Norte e do Sul. Plantas e animais migraram através desse istmo ao longo dos milênios, resultando em enorme biodiversidade através dos muitos ecossistemas distintos que existem nesse cenário diverso.

Recifes de coral, gramados, florestas tropicais em planícies, florestas em montanhas e savanas de pinheiros são apenas algumas das eco-regiões identificadas pelos biogeógrafos na região da América Central e do México, que engloba os cinco estados meridionais do México e os países centro-americanos de Belize, Costa Rica, Guatemala, El Salvador, Honduras, Nicarágua e Panamá. Somente a pequena Belize é lar de mais de 150 espécies de mamíferos, 540 espécies de pássaros e 152 espécies de anfíbios e répteis. No Panamá, foram identificadas 929 espécies de pássaros, mais do que no Canadá e nos Estados Unidos juntos.

Essas terras também são lar de populações humanas que conheceram mais que sua parcela de miséria. Os conflitos civis na região, nas últimas décadas, trouxeram sofrimento humano, destruição material e de infra-estrutura, antigos e agravados problemas de inequidade social, subdesenvolvimento econômico e declínio ambiental. Atualmente, quase a metade da população permanece abaixo da linha da pobreza e muitos não têm acesso a cuidados básicos de saúde, educação e água limpa. O rápido crescimento populacional e a dependência econômica da agricultura resultaram na exploração insustentável dos recursos naturais, poluição aquática disseminada, erosão do solo e desflorestamento.

Apenas 10% das florestas originais da região permanecem, das quais a maior parte foi convertida em fazendas ou substituída por plantações de árvores. Cerca de 60% das 700 áreas protegidas existentes e propostas da região não são de mais de dez mil hectares, muito

pequenas para que as espécies animais sustentem suas populações frente às mudanças ambientais.

A escala e a velocidade de perda e fragmentação do habitat em uma das áreas biologicamente mais ricas do mundo fizeram com que alguns conservacionistas considerassem a América Central e o México um "ponto importante" para a biodiversidade. Os governos da região, nações doadoras e grupos de conservação domésticos e internacionais estão reagindo a essas tendências com uma série de iniciativas e abordagem regional integrada.

Mais notável e ambicioso é o Corredor Biológico da América Central e do México (MBC), iniciativa regional destinada a conservar a diversidade biológica e dos ecossistemas de maneira que incentive o desenvolvimento sócio-econômico sustentável. A visão para o MBC é ligar as áreas protegidas através de "corredores" de habitats naturais e restaurados que se estendem do sul do México ao Panamá, incorporando abordagem holística do relacionamento entre as terras selvagens e as que sofreram o impacto humano.

Em uma cúpula de 1977, os chefes de Estado regionais endossaram publicamente o MBC, comprometendo-se com o desenvolvimento de um sistema de planejamento do uso da terra que melhoraria as vidas dos centro-americanos, mantendo os serviços de ecossistemas e biodiversidade. Os objetivos do MBC são de (a) proteger locais fundamentais para a biodiversidade; (b) conectar esses locais a corredores administrados de forma a permitir o movimento e dispersão de animais e plantas; e (c) promover formas de desenvolvimento sócio-econômico nessas áreas que conservam a biodiversidade e em volta delas, sendo socialmente equitativas e culturalmente sensíveis.

A Comissão Centro-Americana sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (CCAD) é responsável pela coordenação do planejamento regional e implementação do MBC. Este organismo regional foi criado em 1989, quando os presidentes regionais assinaram o Acordo Básico para a Proteção do Meio Ambiente, e incorpora uma visão unificada da cooperação ambiental regional.

O coração da iniciativa MBC é um esquema proposto que estabelecerá quatro categorias para uso da terra, com cada um abordando uma necessidade diferente:

- ❖ As zonas centrais são áreas protegidas, em que são mantidos os habitats selvagens e a biodiversidade. A América Central e o México possuem grande número de áreas protegidas já em funcionamento que atuarão como zonas centrais do MBC, mas muitos deles necessitariam ter seu tamanho aumentado para proteger adequadamente uma região ecológica.
- ❖ As zonas-tampão são as áreas em volta das zonas centrais, que servem para reduzir distúrbios para as zonas centrais de locais adjacentes de uso humano e vice-versa. Essas zonas criariam um espaço físico entre as áreas protegidas que contêm terras selvagens e áreas adjacentes a fazendas, florestas ceifadas e outros usos humanos.
- ❖ As zonas de corredor proporcionariam caminhos para água ou terra que liguem as zonas centrais entre si, permitindo que plantas e animais dispersem-se, migrem e adaptem-se às pressões das mudanças de clima e condições de habitat.
- ❖ Diversas zonas de uso fariam a distinção entre as terras selvagens e as áreas dedicadas à agricultura, florestas administradas e assentamentos humanos. Essas zonas poderão ser aplicadas de forma mais ampla para incentivar a diversidade das práticas de uso da terra, reconhecendo que a biodiversidade é melhor mantida com um mosaico de terras produtivas, florestas e pântanos.

Com financiamento e apoio de uma série de governos, organizações internacionais e organizações não-governamentais (ongs), CCAD está trabalhando para desenvolver planos operacionais e estratégia abrangente para coordenar e mobilizar as ações para o MBC. As organizações de apoio estão buscando independentemente uma série de projetos relevantes para os objetivos a longo prazo do MBC. A Conservação Natural, o Fundo Mundial para a Vida Selvagem e a Universidade de Rhode Island com sede nos Estados Unidos, por exemplo, estão concentrando-se na conservação e administração do sistema de Barreira de Recifes da América Central e do México, com financiamento da Agência Norte-Americana para o Desenvolvimento Internacional (USAID). Na Costa Rica, o escritório nacional do MBC está coordenando esforços das ongs para o estabelecimento de corredores biológicos que conectarão reservas indígenas, áreas protegidas, pântanos e regiões costeiras.

Na faixa de atividade mundial para atingir maior sustentabilidade, o MBC é particularmente significativo devido ao escopo e à complexidade de seus objetivos e a série de instituições e participantes sociais que envolve. Essas características imbuem o MBC com grandes promessas, mas também apresentam importantes desafios que necessitarão ser abordados para que a iniciativa tenha impacto positivo sobre a região.

Permanecem questões significativas entre os muitos povos da região que detêm interesses no futuro do MBC. O projeto cresceu para englobar preocupações de sustentabilidade econômica e equidade social, pois as propostas iniciais concentraram-se unicamente na preservação da biodiversidade, preocupando muitos grupos indígenas que temiam a expropriação das terras dos seus ancestrais e a expansão de áreas protegidas para o seu território. À medida que os objetivos se ampliam para atender a essas preocupações, entretanto, os conservacionistas passaram a preocupar-se com a tomada de problemas sócio-econômicos pelo MBC que este não pode aspirar a resolver, de forma a criar a possibilidade de expectativas irrealistas, uma série de desapontamentos e erosão do apoio.

O sucesso do MBC dependerá do desenvolvimento de visão regional compartilhada dos seus objetivos e funções; visão que reconhece as necessidades divergentes em questão e identifica o interesse comum compartilhado por todos os participantes regionais para atingirem sustentabilidade ecológica e sócio-econômica. A capacidade de estabelecimento de confiança e segurança entre os diversos participantes do MBC determinará o seu destino.

Análise de três anos do andamento da iniciativa conduzida por este autor e um conjunto de outros participantes conclui que muito permanece a ser feito antes de atingir-se visão compartilhada dos objetivos do MBC. A consciência pública, o apoio local e o envolvimento das agências públicas e privadas

permanecem limitados. Dentre os que são abordados pela iniciativa, moradores urbanos e rurais e outros grupos envolvidos freqüentemente possuem opiniões diferentes das agências envolvidas na implementação. Prevalece atitude de desconfiança e ceticismo devido à falta de clareza sobre os planos e propósitos e devido ao limitado acesso do público à informação.

Nossa análise conclui que o destino do Corredor Biológico da América Central e do México depende da disposição dos governos, sociedade civil e do setor privado para serem mais participativos e responsáveis. Ele também dependerá da capacidade de resolução dos conflitos existentes sobre direitos de propriedade e posse da terra e devolução da tomada de decisões das agências do governo central para os grupos locais. Devido à sua vasta faixa geográfica e ao envolvimento de tantos participantes, o estabelecimento do corredor exigirá abordagem "de baixo para cima". Aos moradores locais, deve-se conceder papéis no planejamento e administração das diversas zonas do corredor, para obter seu apoio e aceitação desse ambicioso compromisso regional.

O MBC encontra-se agora em limite crítico entre o conceito e a realidade. Sua visão não se realizará, a menos que a maior parte das pessoas da região compreenda o propósito do MBC e comprometa-se com seus propósitos e objetivos.

O Instituto de Recursos Mundiais (<http://www.wri.org/wri>) é uma organização de análise e pesquisa ambiental que também trabalha para criar formas práticas de proteção da Terra e melhoria da vida das pessoas.

As opiniões expressas neste artigo não refletem, necessariamente, as opiniões ou políticas do governo dos Estados Unidos.

Maravilha Natural

Cyril T. Zaneski

Correspondente, National Journal News Service

Inimigos de longa data
reúnem-se para salvar o
Everglades, na Flórida,
o maior pântano
do mundo.

Os cidadãos da Flórida passaram a maior parte do século XX secando o Everglades, rio raso e cheio de grama que corta um espaço largo através de boa parte da metade sul da sua península. O objetivo era transformar essas pradarias pantanosas em terrenos altos e secos, a terra cultivada mais rica do mundo.

E, com o auxílio das Tropas de Engenheiros do Exército dos Estados Unidos e dos contribuintes norte-americanos, eles atingiram sucesso espantoso. O projeto de drenagem das Tropas do meio do século, maravilha da engenharia, conseguiu secar a metade do Everglades para a agricultura e o desenvolvimento suburbano. Mas o projeto deixou inadvertidamente o pântano restante em situação precária. Ele não pode mais sustentar a flora e fauna tropical que fizeram do sul da Flórida uma jóia biológica. Segundo algumas estimativas, 95% ou mais das populações de aves pernaltas brilhantemente emplumadas que um dia fizeram seus lares no Everglades e 68 tipos de plantas e animais da região encontram-se agora relacionados entre as espécies ameaçadas e em risco. Alguns, como o pardal do litoral do Capo Sable e a pantera da Flórida, estão oscilando à beira da extinção. Mas o que chama a atenção dos fazendeiros e promotores do desenvolvimento que formam a estrutura básica da economia da região é o seguinte: o pântano do Everglades não é mais capaz de absorver as superabundantes chuvas de verão para fornecimento posterior à crescente população humana e às safras de legumes e cana de açúcar, ávidas por água.

Por isso, os cidadãos da Flórida voltaram-se novamente aos seus velhos parceiros federais e os encontraram dispostos a ajudar com uma missão diferente. Trabalhando lado a lado e dividindo os custos ao longo do caminho, as autoridades estaduais e federais elaboraram planos para a maior missão de resgate ecológico do mundo, que também servirá de projeto aquático agrícola e urbano. Estima-se que a restauração do Everglades custará US\$ 7,8 bilhões ao longo de 36 anos e sua manutenção custará então cerca de US\$ 180

milhões por ano. Com base em um acordo histórico aprovado de forma esmagadora há dois anos pelo Congresso e pelo Legislativo da Flórida, os parceiros dividirão igualmente os custos do projeto para sempre.

Políticos, ecologistas e engenheiros de todo o mundo estão observando o que acontece no sul da Flórida. Trata-se, primeiramente, da mais ambiciosa restauração de um ecossistema do mundo, tentativa de lidar de forma holística com problemas ambientais de um cenário inteiro de 46.800 quilômetros quadrados. Em segundo lugar, o projeto é um teste de como os governos federal, estadual, tribal e local podem trabalhar em conjunto e com diversos interesses concorrentes no setor privado. Existem mais de duas dezenas de entidades governamentais envolvidas no projeto Everglades. Elas estão seguindo um amplo plano de restauração definido por uma coalizão de interesses concorrentes do sul da Flórida: promotores do turismo, ambientalistas, companhias de mineração de calcário, líderes empresariais, a indústria de açúcar, agricultores e prestadoras de serviços públicos urbanos.

Canoa em Inclinação

"O projeto Everglades é como uma canoa", observa Terrence "Rock" Salt, coronel da reserva do Exército que agora trabalha como diretor executivo da Força-Tarefa de Restauração do Ecossistema do Sul da Flórida, grupo intergovernamental que coordena o projeto. "Se alguém se levantar, todos tombarão."

A canoa do sul da Flórida sempre aparenta estar à beira da queda. Grupos de interesse e agências governamentais acionaram-se entre si, lutaram em feias campanhas eleitorais e trocaram regularmente palavras ásperas em público sobre a campanha do Everglades ao longo dos anos. O esforço atual de limpeza foi postergado por uma ação judicial. Em 1988, um imprudente advogado norte-americano de nome Dexter Lehtinen apresentou ação contra o Estado da Flórida para permitir que a água poluída flua das áreas agrícolas para o Everglades. A guerra legal custou aos contribuintes federais e estaduais US\$ 7 milhões em despesas legais e gerou outras 39 ações judiciais relacionadas até o Estado dar-se por vencido e concordar em iniciar a limpeza em 1991.

Mas esse não foi o fim da batalha. "É difícil passar uma semana no sul da Flórida sem que alguém atire uma granada", afirma uma autoridade federal envolvida na restauração do Everglades. Os índios Miccosukee, cuja

reserva encontra-se dentro do Parque Nacional de Everglades, lutaram contra a Administração de Parques Nacionais em tribunal federal e no Congresso a respeito dos planos da tribo para expansão de suas moradias. Os Miccosukees, ambientalistas, as Tropas do Exército e o Estado estão envolvidos em uma complicada ação judicial tripartite em tribunal federal sobre o gerenciamento de água no habitat do pardal do litoral do Cabo Sable.

A luta mais estrondosa e desagradável teve lugar em 1996, quando os ambientalistas e a indústria de açúcar promoveram uma batalha de US\$ 38 milhões relativa a um referendun sobre uma proposta de imposto de um centavo por libra de açúcar da Flórida para ajudar a financiar a limpeza do Everglades. O açúcar venceu a luta amarga - a mais cara da história do Estado. Foi impossível no verão e outono de 1996 para qualquer pessoa na Flórida assistir a meia hora de televisão sem observar três ou quatro anúncios sobre a campanha do imposto do açúcar. "Há uma enorme quantidade de feridas em volta dessa questão", afirma Bob Dawson, ex-autoridade superior das Tropas que agora trabalha como lobbyista em Washington sobre o projeto Everglades para os interesses agrícolas do sul da Flórida, a indústria de açúcar e os serviços públicos urbanos. "É muito difícil fazer com que as pessoas confiem umas nas outras."

Ainda assim, de alguma forma, o projeto Everglades permaneceu vivo. As partes combatentes conseguiram chegar a um acordo suficiente para convencer o Congresso de que a restauração não se dissolveria em uma série de ações judiciais. "Há que se dar crédito a todos aqueles que baixaram seus facões e aproximaram-se da mesa para apertar as mãos com seus inimigos", afirma J. Allison DeFoor, ex-conselheiro de política ambiental do governador da Flórida, Jeb Bush. "No momento em que chegamos a Washington, estavam todos, dos grandes do açúcar aos ambientalistas, apertando as mãos e cantando "Kumbaya"; às vezes, com os dentes rangendo.

No sul da Flórida, o real trabalho diário de planejamento da restauração foi mais suave do que muitos esperavam porque as duas agências principais, as Tropas de Engenheiros e o Distrito de Gerenciamento de Água do Sul da Flórida, trabalharam juntos por meio século. O distrito é uma agência de engenharia maciça com mais de 1.700 funcionários que administram fontes de água e operam um sistema de controle de inundações construído pelas Tropas para 16 condados, desde Orlando, na Flórida central, até Key West. Embora as Tropas tenham trabalhado estreitamente com o distrito no passado, o

projeto Everglades marca a primeira vez em que a agência abriu seu planejamento para o público. Tradicionalmente, as Tropas elaboraram projetos importantes atrás de portas fechadas e promoveram audiências públicas simbólicas após o final dos trabalhos. O Projeto Everglades, por outro lado, foi concebido totalmente à vista do público na Internet. Entre 1996 e 1999, as Tropas enviaram propostas de planos a um Web site dedicado à restauração, aceitaram comentários do público e de grupos colaboradores de cientistas e engenheiros e, em seguida, revisaram seu plano com base nos comentários.

"O que você está vendo no sul da Flórida é um verdadeiro esforço de baixo para cima", afirma Salt. "O governo (neste caso, as Tropas) está realmente tomando seu curso de ação de um processo dirigido pelo público."

Água, Água em Todas as Partes

O público terá que permanecer envolvido. Embora a restauração tenha sido autorizada, ela levará cerca de quatro décadas em uma série de 68 projetos de engenharia. O objetivo final é de restaurar cerca de um milhão de hectares de pântanos, mas também pretende fornecer água para as fazendas e a população humana. As Tropas e o distrito de água terão cada um cerca de 150 funcionários trabalhando na restauração. Eles manterão de quinze a vinte projetos em andamento de cada vez, enquanto um grupo supervisor especial interagências tenta assegurar que o trabalho das equipes individuais de projetos esteja de acordo com os objetivos gerais de restauração, afirma Stuart Applebaum, chefe de restauração do ecossistema para o Distrito de Jacksonville das Tropas.

"Isso é similar à viagem para a Lua na década de 1960", afirma Applebaum. "Embora esse projeto não seja tão complexo quanto o programa espacial no seu apogeu, a restauração apresenta um desafio tecnicamente tão grande. Ninguém nunca fez nada parecido antes."

Caso a idéia de gastar US\$ 7,8 bilhões com a restauração pareça surpreendente, considere isso: O projeto autorizado no outono de 2000 é apenas parte de uma restauração ecológica ainda maior e limpeza da poluição que se estende para além do próprio Everglades. Ao final, espera-se que o esforço para restaurar o meio ambiente do sul da Flórida custe US\$ 14,8 bilhões, com a parcela do governo federal atingindo US\$ 6,5 bilhões e o restante vindo de fontes locais e estaduais. Juntamente com o esforço de Everglades, a restauração do sul da Flórida

inclui muitos outros projetos. O maior é um plano estadual de limpeza do fluxo de água das áreas agrícolas para o Everglades, que custarão provavelmente mais de US\$ 1 bilhão, e a restauração do rio Kissimmee, com custo de US\$ 414 milhões, que se estende ao longo de 64 quilômetros entre Orlando e o Lago Okeechobee. A restauração do Kissimmee, na verdade, desfaz um projeto das Tropas que tornou o rio um fosso reto entre 1962 e 1971, causando severos problemas de poluição da água e destruindo cerca de 14.000 hectares de pântano.

Os objetivos da restauração do Everglades vão do trabalho de líderes empresariais, agentes turísticos, ambientalistas e agricultores para a Comissão Governamental de 49 membros para o Sul da Flórida Sustentável. Nomeados pelo falecido governador democrata Lawton Chiles, os membros da comissão trabalharam de 1995 a 1999 para atingir consenso sobre quatorze relatórios importantes que descrevem os objetivos da restauração.

Este consenso não surgiu facilmente. Um ambientalista referiu-se a um dos representantes da indústria do açúcar como "criminoso empresarial", relembra Richard Pettigrew, ex-senador estadual e porta-voz da Assembléia que presidiu a comissão. "Primeiramente, muitos desses inimigos de longa data tinham medo de entrar em comitês para identificar questões com que deveríamos lidar", afirma Pettigrew. "Ninguém queria ceder nada. O representante de serviços públicos do condado de Palm Beach, por exemplo, não queria discutir nenhuma solução que não lhe garantisse acesso livre e ilimitado à água."

Pettigrew permitiu que os membros de comissões inimigas selecionassem seus comitês. Ele também assegurou que cada reunião incluísse um encontro social à noite em que os membros pudessem unir-se em torno de bebidas. "Eventualmente, começamos a compreender os reais problemas que as pessoas tinham, e não apenas os retóricos", afirma Pettigrew. "E ficamos fora daquela luta pelo imposto do açúcar, muito embora algumas pessoas estivessem se matando por ela."

A comissão conseguiu, no outono de 1996, completar um relatório que descrevesse os objetivos de restauração. Esses objetivos seguiram para a Lei do Desenvolvimento de Recursos Aquáticos de 1996 e estabeleceram o cenário para a restauração. O relatório, como todos os adotados pela comissão entre 1994 e 1999, foi aprovado por votação unânime.

A chave para o sucesso da comissão e para acalmar os combatentes preocupados com o acesso à água foi esta: a restauração do Everglades seria mais que um projeto ambiental, ela também aumentaria o fornecimento de água para todos.

A água é a principal questão no sul da Flórida, muito embora seja este um dos lugares mais úmidos do país. A região recebe cerca de 152 centímetros de chuva por ano. A maior parte da água, entretanto, cai durante as tempestades de verão e é rapidamente drenada para estuários costeiros através de uma rede de mais de 1.600 quilômetros de canais construídos pelas Tropas e pelo Estado ao longo dos últimos cem anos. O principal objetivo do projeto de restauração é o de suspender aquela rápida perda de água ao capturar sua maioria em centenas de poços profundos e uma rede de novos reservatórios que serão construídos nas terras cultivadas e poços abandonados de mineração de calcário na extremidade do Everglades. As Tropas convocam o conceito de "aumentar o bolo".

"Elaboramos uma situação de vitória mútua", afirma Pettigrew. A indústria do açúcar concordou relutantemente em vender pelo menos 20.000 hectares de terras cultivadas para o governo, para reservatórios, em troca da segurança de que os fazendeiros tivessem água a longo prazo. Sem esse acordo, os agricultores temiam que as crescentes áreas urbanas e seu crescente poder eleitoral eventualmente comessem a vencer a agricultura em batalhas políticas e sugar as fontes de água existentes até secarem. Os ambientalistas, enquanto isso, concordaram em dividir a água porque o perdedor final em uma futura guerra pela água seria o Everglades.

No fundo, afirma Pettigrew: "Nunca nos afastamos do nosso objetivo central: assegurar que o Everglades fosse restaurado; e restaurado ao mais alto nível possível."

Reestudar e Depois Restaurar

O plano de restauração é elaborado, em grande parte, após um plano estadual projetado no início da década de 1980 no mandato do ex-governador democrata da Flórida e agora senador norte-americano Bob Graham. O velho programa estadual "Salve Nosso Everglades" ganhou novo impulso em 1993, quando o secretário do Interior Bruce Babbitt teve interesse em envolver o governo Clinton. Em junho daquele ano, a força-tarefa federal (com autoridades de cerca de meia dúzia de agências envolvidas) estava promovendo sua primeira reunião.

Para o que se tornaria uma empreitada significativa, o esforço de restauração foi primeiramente conhecido, de forma humilde, como "o reestudo". O nome refletia o fato de que o projeto era realmente um reestudo do Projeto do Sul e Centro da Flórida, projeto de drenagem maciça que as Tropas elaboraram em 1947 e começaram a construir após a autorização para sua construção pelo Congresso em 1948. O projeto expandiu e melhorou uma rede de fossos de drenagem iniciada pelo Estado no início do século e muitos mais foram adicionados. As Tropas entrelaçaram o sul da Flórida com cerca de 1.600 quilômetros de canais e cortaram o coração do Everglades com diques que transformaram o gramado leito do rio em três grandes reservatórios e uma área agrícola de 280.000 hectares.

O trabalho das Tropas do Exército é uma maravilha da engenharia que atingiu seus objetivos de abertura de vastas extensões de terra para a agricultura e o desenvolvimento. Mas o projeto causou severos danos ao meio ambiente. A quantidade de aves pernaltas caiu dramaticamente. O Parque Nacional de Everglades, dedicado em 1947 à preservação da saúde biológica das plantas e animais da região, foi prejudicado à medida que os projetos de drenagem além das fronteiras do parque secaram seus brejos até pôr em risco sua flora e fauna. A Baía da Flórida sofreu com camadas devastadoras de algas que sufocaram sua vida marinha.

E a população humana da região (que se expandiu de 500.000, quando as Tropas projetaram o sistema, para mais de seis milhões atualmente) também começou a sofrer. Os moradores sofrem freqüentes faltas d'água e intrusões de água salgada do mar em aquíferos esgotados de água doce, a única fonte de água potável da região. Incêndios florestais devastadores queimaram maiores extensões e de forma mais intensa nas extremidades secas do Everglades, poluindo o ar das cidades e subúrbios próximos da costa.

Elaborar a restauração na forma de reestudo permitiu que as Tropas explorassem um gordo bolso federal para construção geral. Se houvesse começado como estudo de restauração, teria sido forçado a fazer retiradas da exaurida conta de "investigações gerais" das Tropas. Salt, que chefiou o Distrito de Jacksonville das Tropas de 1991 a 1994, e seu sucessor, o agora aposentado cel. Terry Rice, "empurraram o barco" para manter os esforços de restauração em andamento, afirma Rice. Foi Salt quem supervisionou o início do projeto Kissimmee e elaborou amplo plano de extensão do efeito de restauração para o

maior Everglades. Rice, que trabalhou de 1994 a 1997, desafiou a Comissão do Governador para o Sul da Flórida Sustentável, ao solicitar restauração total. "Dê-me um plano e o implementaremos", ele se lembra de dizer-lhes. Os membros da comissão, acostumados a trabalhar com a velha e lenta burocracia das Tropas, acharam difícil de acreditar.

Rice compreendeu por quê os membros da comissão eram céticos no início. Eles haviam se acostumado a ouvir o que não podia ser feito e assim eram as Tropas. "Muitas vezes, acho que deixamos os advogados conduzirem nossas agências e isso é um erro", afirma Rice, agora professor da Universidade Internacional da Flórida e consultor da tribo dos Miccosukees. "Eu diria ao meu advogado: Isso é o que quero fazer. Diga-me se é ilegal ou não."

A comissão aceitou o desafio de Rice. Eles lhe deram um conjunto de objetivos, que foram então escritos na Lei do Desenvolvimento dos Recursos Aquáticos de 1996, para orientar o planejamento da restauração. A Lei expandiu a Força-Tarefa de Restauração do Ecossistema do Sul da Flórida para que incluísse representantes tribais, locais e estaduais, autorizando-a a coordenar o projeto.

Vozes em Conflito

Criada em 1993 por ordem executiva, a força-tarefa incluiu originalmente apenas representantes de cinco agências federais. Governos locais e estaduais foram inicialmente excluídos porque a Lei do Comitê Consultivo Federal de 1972 proibia essa cooperação. Essa barreira foi extinta em 1995, quando o Congresso eliminou parte das restrições legais como parte da Lei de Reforma de Mandatos Infundados. A força-tarefa de 14 membros agora coordena os esforços de treze agências federais e sete da Flórida, duas tribos indígenas, 16 condados e dezenas de cidades e vilas.

Na prática, entretanto, a força-tarefa detém pouco controle sobre as agências cujos esforços deve coordenar. As agências recebem sua autoridade (e financiamento) dos organismos legislativos que as supervisionam, observa Salt. Dessa forma, a força-tarefa deve tentar estabelecer consenso, deixando intocadas as responsabilidades individuais dos seus membros. "Embora seja moldado como parceria, cada lado possui sua própria forma de fazer negócios", afirma Salt. "O Estado nunca contemplou a desistência de nenhum direito de soberania neste processo... Eles não estão fazendo da forma que

lhes fornecemos, mas é uma boa coisa, não uma coisa ruim."

Mas as autoridades estaduais queixaram-se abertamente da supervisão federal do projeto. Um ponto doloroso é que o Escritório Geral de Contabilidade criticou repetidamente a força-tarefa por falhar ao operar mais como agência federal e desenvolver planos estratégicos para a compra de terra. Os proponentes da força-tarefa afirmam que essa crítica somente faria sentido se a organização tivesse controle sobre os orçamentos das suas agências membros.

"Existe a percepção de que a força-tarefa é um organismo regulador, um governo fantasma", afirma Ernie Barnett, diretor de Coordenação e Planejamento do Ecossistema da Flórida e presidente do grupo de trabalho intergovernamental da força-tarefa. "De alguma forma, as pessoas de Washington tiveram a idéia de que a força-tarefa tem alguma supervisão sobre o processo de aquisição de terra da Flórida."

A força-tarefa também foi incapaz de solucionar disputas entre agências federais. "Muito freqüentemente, as agências federais detêm vozes e visões conflitantes", afirma Barnett. "Quando se tem uma parceria federal/estadual, temos que falar com uma voz do Estado e refletir uma única visão. Para nós é fácil, pois o governador soluciona as disputas. Mas, quando há disputas federais, as rodas travam."

O esforço para salvar o pardal do litoral do Cabo Sable é um exemplo. A Administração de Parques Nacionais e o Serviço de Pesca e Vida Selvagem envolveram-se em uma longa disputa com as Tropas do Exército sobre as práticas de administração de água, que os biólogos federais afirmam haver empurrado o pardal para a beira da extinção. Três ações judiciais foram apresentadas sobre o assunto, que se encontra agora perante um juiz federal em Miami. "O pardal sobreviverá somente porque Deus está ajudando", afirma Barnett. "O tempo colaborou. As agências, não."

A força-tarefa funciona melhor quando existem papéis estaduais e federais bem definidos, afirma Barnett. Ela fez melhor na condução de mandatos federais e estaduais. Ela funcionou bem, por exemplo, ao estabelecer prioridades para o gasto de US\$ 275 milhões reservados pelo Congresso em 1996 para esforços de restauração.

Às vezes, as relações de trabalho formadas pelos

membros da força-tarefa permitem que eles cortem a fita vermelha. A força-tarefa permitiu, por exemplo que a Agência de Proteção Ambiental dos Estados Unidos e o Departamento de Proteção Ambiental da Flórida assumissem compromisso sobre regulamentações que farão com que os contribuintes economizem centenas de milhões de dólares em testes futuros de utilização de poços profundos para armazenagem de água para o projeto de restauração, afirma Salt. "Normalmente, a tarefa de trabalhar através de estruturas regulatórias federais e estaduais é muito desanimadora", afirma Salt. "Mas, como tínhamos essa força-tarefa, fomos capazes de trabalhar em conjunto e elaborar uma forma de auxílio."

Apesar de todas as suas complicações, o projeto de restauração provavelmente colocou a Flórida em posição melhor que a maioria dos Estados para cuidar de questões enormes, afirma Dawson, ex-administrador principal das Tropas do Exército que faz lobby em Washington em favor dos serviços públicos e da agricultura do sul da Flórida. "A chave é que eles desenvolveram ação de

equilíbrio, que será uma real rede de segurança para o sul da Flórida", afirma Dawson. "O mecanismo que desenvolveram para a divisão da água é o tipo de mecanismo que poderia ter auxiliado as pessoas da Califórnia com sua crise de energia. Mas lá eles apenas lançaram os dados sobre uma (possível) falta de energia e o meio ambiente será prejudicado."

Dawson observa que o modelo de estabelecimento de consenso do sul da Flórida será copiado em outras partes. "Acho que será o precursor de eventos que ocorrerão em outras partes do país. A ênfase é na restauração do ecossistema que é ligado aos interesses vitais de todos os participantes", afirma ele. "Se as pessoas não aprenderem a cooperar, não irá funcionar."

*Publicado com permissão da National Journal Group, Inc. ©
Abril de 2001.*

RECURSOS ADICIONAIS

Bibliografia

LIVROS E DOCUMENTOS

Brown, Lester R.

ECO-ECONOMY: BUILDING AN ECONOMY FOR THE EARTH (Eco-Economia: Construindo Economia para a Terra)

W.W. Norton and Company, 2001, 224 págs.

Daniels, Mark R., editor

CREATING SUSTAINABLE COMMUNITY PROGRAMS: EXAMPLES OF COLLABORATIVE PUBLIC ADMINISTRATION (Criação de Programas Comunitários Sustentáveis: Exemplos de Administração Pública Colaborativa)

Greenwood Publishing Group, 2001, 320 págs.

Dorf, Richard C.

TECHNOLOGY, HUMANS, AND SOCIETY: TOWARD A SUSTAINABLE WORLD (Tecnologia, Seres Humanos e Sociedade: Rumo a um Mundo Sustentável)

Academic Press, 2001, 450 págs.

Harrison, Neil E.

CONSTRUCTING SUSTAINABLE DEVELOPMENT (Construção do Desenvolvimento Sustentável)

Imprensa da Universidade do Estado de Nova York, 2000, 192 págs.

Helmore, Kristin, and Naresh Singh

SUSTAINABLE LIVELIHOODS: BUILDING ON THE WEALTH OF THE POOR (Meios de Vida Sustentáveis: Construindo sobre a Riqueza dos Pobres)

Kumarian Press, 2001, 136 págs.

National Councils for Sustainable Development

NCSD REPORT 2001: INTEGRATING GLOBAL ENVIRONMENTAL CONVENTIONS AT NATIONAL AND LOCAL LEVELS (Relatório NCSD 2001: Integração das Convenções Ambientais Globais em Nível Local e Nacional)

The Councils, 2002, 118 págs.

Disponível no endereço

<http://www.ncsdnetwork.org/knowledge/ncsdreport2001.pdf>

Neefjes, Koos

ENVIRONMENTS AND LIVELIHOODS: STRATEGIES FOR SUSTAINABILITY (Ambientes e Modos de Vida: Estratégias para a Sustentabilidade)

Oxfam Publishing, 2000, 288 págs.

Equipe da Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico

OECD ENVIRONMENTAL INDICATORS: TOWARD SUSTAINABLE DEVELOPMENT 2001 (Indicadores Ambientais da OCDE: Rumo ao Desenvolvimento Sustentável 2001)
OECD, 2002, 156 págs.

Equipe da Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico

POLICIES TO ENHANCE SUSTAINABLE DEVELOPMENT (Políticas para Melhorar o Desenvolvimento Sustentável)
OECD, 2001, 108 págs.

Equipe da Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico

SUSTAINABLE DEVELOPMENT: CRITICAL ISSUES (Desenvolvimento Sustentável: Questões Fundamentais)
OECD, 2001, 420 págs.

Prugh, Thomas, Robert Constanza, and Herman Daly

THE LOCAL POLITICS OF GLOBAL SUSTAINABILITY (A Política Local da Sustentabilidade Global)
Island Press, 2000, 196 págs.

Schmandt, Jurgen, and C. H. Ward, editors

SUSTAINABLE DEVELOPMENT: THE CHALLENGE OF TRANSITION (Desenvolvimento Sustentável: O Desafio da Transição)
Imprensa da Universidade de Cambridge, 2000, 240 págs.

Programa de Desenvolvimento das Nações Unidas

HUMAN DEVELOPMENT REPORT 2001: MAKING NEW TECHNOLOGIES WORK FOR HUMAN DEVELOPMENT (Relatório do Desenvolvimento Humano 2001: Fazendo com que as Novas Tecnologias Trabalhem pelo Desenvolvimento Humano)
UNDP, 2001, 278 págs.
Disponível no endereço <http://www.undp.org/hdr2001/>

Nações Unidas. Secretaria Geral

IMPLEMENTING AGENDA 21: REPORT OF THE SECRETARY-GENERAL (Implementação da Agenda 21: Relatório da Secretaria Geral)
Nações Unidas, Conselho Sócio-Econômico, 2001, 69 págs.
Disponível no endereço <http://www.johannesburgsummit.org/html/documents/no170793sgreport.pdf>

Estados Unidos. Presidente

REMARKS BY THE PRESIDENT ON GLOBAL DEVELOPMENT (Comentários do Presidente Sobre o Desenvolvimento Global)
Casa Branca, Escritório da Secretaria de Imprensa, 14 de março de 2002
Disponível no endereço <http://usinfo.state.gov/topical/global/develop/02031402.htm>

Vajpeyi, Dharendra K., editor

DEForestation, ENVIRONMENT, AND SUSTAINABLE DEVELOPMENT: COMPARATIVE ANALYSIS (Desflorestamento, Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável: Análise Comparativa)
Greenwood Publishing Group, 2001, 272 págs.

Equipe do Banco Mundial

WORLD DEVELOPMENT INDICATORS 2002 (Indicadores do Desenvolvimento Mundial 2002)
Banco Mundial, próximo maio de 2002, 400 págs.

Conselho Comercial Mundial para o Desenvolvimento Sustentável

THE BUSINESS CASE FOR SUSTAINABLE DEVELOPMENT (A Questão Comercial para o Desenvolvimento Sustentável)
Conselho, 2001, 16 págs.
Disponível no endereço <http://www.wbcds.org/projects/wssd/business-case.pdf>

Fórum Econômico Mundial. Força-Tarefa Líderes Globais para o Meio Ambiente de Amanhã

2002 ENVIRONMENTAL SUSTAINABILITY INDEX (Índice de Sustentabilidade Ambiental 2002)
Centro Yale para Política e Legislação Ambiental, 2002, 300 págs.
Disponível no endereço <http://www.ciesin.columbia.edu/indicators/ESI/>

Organização Mundial da Saúde. Comissão de Macroeconomia e Saúde

MACROECONOMICS AND HEALTH: INVESTING IN HEALTH FOR ECONOMIC DEVELOPMENT

(Macroeconomia e Saúde: Investimento em Saúde para o Desenvolvimento Econômico)

OMS, 2001, 210 págs.

Disponível no endereço <http://www.cid.harvard.edu/cid-cmh/CMHReport.pdf>

ARTIGOS

Annan, Kofi A.

SUSTAINING THE EARTH IN THE NEW

MILLENNIUM (Sustentando a Terra no Novo Milênio)

Environment, Vol. 42, nº 8, 1º de outubro de 2000, págs. 20-24

Bansal, Pratima

BUILDING COMPETITIVE ADVANTAGE AND MANAGING RISK THROUGH SUSTAINABLE DEVELOPMENT

(Estabelecimento de Vantagens Competitivas e Administração de Riscos Através do Desenvolvimento Sustentável)

Ivey Business Journal, Vol. 66, nº 2, 1º de novembro de 2001, págs. 47-52

Brown, Lester R.

THE ECO-ECONOMIC REVOLUTION: GETTING THE MARKET IN SYNC WITH NATURE *(A Revolução Eco-Econômica: Mantendo o Mercado em Sincronismo com a Natureza)*

The Futurist, Vol. 36, nº 2, março/abril de 2002, págs. 23-32

Calamitsis, Evangelos

THE NEED FOR STRONGER DOMESTIC POLICIES AND INTERNATIONAL SUPPORT *(A Necessidade de Políticas Domésticas Mais Fortes e Apoio Internacional)*

Finance and Development, Vol. 38, nº 4, dezembro de 2001, págs. 10-13

Carruthers, David

FROM OPPOSITION TO ORTHODOXY: THE REMAKING OF SUSTAINABLE DEVELOPMENT *(Da Oposição para a Ortodoxia: Reestruturação do Desenvolvimento Sustentável)*

Journal of Third World Studies, Vol. 18, nº 2, outono de 2001, págs. 93-112

Clark, William C.

AMERICA'S NATIONAL INTERESTS IN PROMOTING A TRANSITION TO SUSTAINABILITY *(Interesses Nacionais dos Estados Unidos na Promoção da Transição para a Sustentabilidade)*

Environment, Vol. 43, nº 1, 1º de janeiro de 2001, págs. 18-27

Didia, Dal

DEBT-FOR-NATURE SWAPS, MARKET IMPERFECTIONS, AND POLICY FAILURES AS DETERMINANTS OF SUSTAINABLE DEVELOPMENT AND ENVIRONMENTAL QUALITY *(Permuta de Dívidas pela Natureza, Imperfeições do Mercado e Falhas Políticas como Determinantes da Qualidade Ambiental e Desenvolvimento Sustentável)*

Journal of Economic Issues, Vol. 35, nº 2, junho de 2001, págs. 477-486

Dumaine, Brian

ARE YOU READY FOR THE GREEN REVOLUTION? *(Você Está Pronto para a Revolução Verde?)*

Fsb: Fortune Small Business, Vol. 11, nº 10, dezembro de 2001/janeiro de 2002, págs. 44-52

Durant, Robert F. and others

A NEW GOVERNANCE PARADIGM *(Novo Paradigma de Governabilidade)*

PA Times, julho de 2001, págs. 3-4

Espenhahn, Sarah and Gil Wilkins

POWERING DEVELOPMENT *(Fortalecimento do Desenvolvimento)*

The World Today, Vol. 58, nº 3, março de 2002, págs. 22-24

Esty, Daniel C.

A TERM'S LIMITS *(Os Limites de um Prazo)*

Foreign Policy, nº 126, setembro/outubro de 2001, págs. 74-75

Grewe, Timothy

PORTLAND, OREGON: A CASE STUDY IN SUSTAINABILITY (Portland, Oregon: Estudo Específico Sobre Sustentabilidade)

Government Finance Review, Vol. 18, nº 1, fevereiro de 2002, págs. 8-12

Haas, Peter M.

UN CONFERENCES AND CONSTRUCTIVIST GOVERNANCE OF THE ENVIRONMENT

(Conferências das Nações Unidas e Administração Construtiva do Meio Ambiente)

Global Governance, Vol. 8, nº 1, janeiro de, 2002, págs. 73+

Kasemir, Bernd and others

THE NEXT UNSEEN REVOLUTION: PENSION FUND INVESTMENT AND SUSTAINABILITY (A Próxima Revolução Invisível: Investimento em Fundos de Pensão e Sustentabilidade)

Environment, Vol. 43, nº 9, novembro de 2001, págs. 8-19

Lee, Kai N.

SEARCHING FOR SUSTAINABILITY IN THE NEW CENTURY (Busca da Sustentabilidade no Novo Século)

Ecology Law Quarterly, Vol. 27, nº 4, fevereiro de 2001, págs. 913-928

Levin, Ted

REVIVING THE RIVER OF GRASS (Renascimento do Rio de Grama)

Audubon, Vol. 103, nº 4, julho de 2001, págs. 54-61

Mabogunje, Akin L.

POVERTY AND ENVIRONMENTAL DEGRADATION: CHALLENGES WITHIN THE GLOBAL ECONOMY (Pobreza e Degradação Ambiental: Desafios da Economia Global)

Environment, Vol. 44, nº 1, janeiro de 2002, págs. 8-18

McIntosh, Phyllis

REVIVING THE EVERGLADES (O Renascimento do Everglades)

National Parks, Vol. 76, nº 1/2, janeiro/fevereiro de 2002, págs. 30-34

Rasmussen, Paul

TOWARDS A SUSTAINABLE FUTURE (Rumo a um Futuro Sustentável)

OECD Observer, nº 226/227, verão de 2001, p. 4+

Scully, Malcolm G.

RESTORING THE FRAGILE EVERGLADES, EVERMORE (Restauração do Frágil Everglades, Cada Vez Mais)

Chronicle of Higher Education, Vol. 47, nº 18, 12 de janeiro de 12, 2001, pg. B14

Sheats, James R.

INFORMATION TECHNOLOGY, SUSTAINABLE DEVELOPMENT AND DEVELOPING NATIONS

(Tecnologia da Informação, Desenvolvimento Sustentável e Nações em Desenvolvimento)

Greener Management International, nº 32, inverno de 2000, págs. 33-41

Uhl, Christopher and Amy Anderson

GREEN DENSITY: UNIVERSITIES LEADING THE WAY TO A SUSTAINABLE FUTURE (Universidades Lideram o Caminho para um Futuro Sustentável)

Bioscience, Vol. 51, nº 1, janeiro de 2001, págs. 36-42

Witherell, Bill and Maria Maher

RESPONSIBLE CORPORATE BEHAVIOUR FOR SUSTAINABLE DEVELOPMENT (Comportamento Empresarial Responsável para o Desenvolvimento Sustentável)

OECD Observer, nº 226/227, verão de 2001, págs. 62-64

Wunder, Sven

POVERTY ALLEVIATION AND TROPICAL FORESTS - WHAT SCOPE FOR SYNERGIES? (Redução da Pobreza e Florestas Tropicais: Qual o Escopo para as Sinergias?)

World Development, Vol. 29, nº 11, novembro de 2001, págs. 1817-1833

Zaneski, Cyril

NATURAL WONDER: LONGTIME ENEMIES HAVE COME TOGETHER TO SAVE THE EVERGLADES, THE WORLD'S GREATEST WETLANDS "

(Maravilha Natural: Inimigos de Longo Tempo Reuniram-se para Salvar o Everglades, o Maior Pântano do Mundo)

Government Executive, Vol. 32, nº 5, abril de 2001, págs. 46-56

Recursos Seleccionados da Internet

Ação Comercial para o Desenvolvimento Sustentável

<http://www.basd-action.net/>

Plano de Restauração do Everglades na Flórida

<http://www.evergladesplan.org/>

Fundação Ford

<http://www.fordfound.org/>

Consórcio de Acordos Globais para o Desenvolvimento Sustentável

<http://web.mit.edu/gssd/consortium/>

Instituto de Política Comercial e Agrícola

<http://www.iatp.org/>

Banco Inter-Americano de Desenvolvimento

<http://www.iadb.org/sds/>

Centro Internacional de Comércio e Desenvolvimento Sustentável

<http://www.ictsd.org/>

Conferência Internacional sobre Financiamento para o Desenvolvimento

<http://www.un.org/esa/ffd/>

Instituto Internacional para o Desenvolvimento Sustentável

<http://www.iisd.org/default.asp>

Aprendizado do Futuro: Cenários Alternativos para a Indústria Norte-Americana de Minérios e Mineração

Minérios de Mineração e Desenvolvimento Sustentável América do Norte, 2002

http://www.iisd.org/pdf/2002/mmsd_scenarios.pdf

Fundação MacArthur

<http://www.macfound.org/>

Associação Nacional de Conselhos de Desenvolvimento e Conservação de Recursos

<http://www.rcdsuccess.com/>

Conselhos Nacionais para o Desenvolvimento Sustentável

<http://www.ncsdnetwork.org/>

Instituto Nautilus para a Segurança e Desenvolvimento Sustentável

<http://www.nautilus.org/>

Fundação Novartis para o Desenvolvimento Sustentável

<http://www.foundation.novartis.com/>

Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE) Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável

http://www.oecd.org/oecd/pages/home/display_general/0,3380,EN-home-663-nodirectorate-no-no-no-8,FF.html

Distrito de Gerenciamento de Água do Sul da Flórida

<http://www.sfwmd.gov/>

Rede de Comunicações do Desenvolvimento Sustentável

<http://www.sdcn.org/>

Rede de Comunicações do Desenvolvimento Sustentável

Portal do Desenvolvimento Sustentável

<http://sdgateway.net/>

Desenvolvimento Sustentável Internacional

<http://www.sustdev.org/>

Programa de Desenvolvimento das Nações Unidas
<http://www.undp.org/>

**Programa de Desenvolvimento das Nações Unidas
Programa de Participação e Organizações da
Sociedade Civil**
[http://www.undp.org/csopp/CSO/NewFiles/docemppeo-
ple.html](http://www.undp.org/csopp/CSO/NewFiles/docemppeo-
ple.html)

**Conselho Sócio-Econômico das Nações Unidas
Divisão de Desenvolvimento Sustentável**
<http://www.un.org/esa/sustdev/>

**Programa Ambiental das Nações Unidas
Administração Ambiental Internacional**
<http://www.unep.org/IEG/>

**Organização para a Agricultura e Alimentação das
Nações Unidas
Departamento de Desenvolvimento Sustentável**
http://www.fao.org/sd/index_en.htm

**Site Oficial das Nações Unidas
para a Cúpula Mundial sobre o Desenvolvimento
Sustentável**
<http://www.johannesburgsummit.org/>

**Agência Norte-Americana para o Desenvolvimento
Internacional
Aliança para o Desenvolvimento Global**
<http://www.usaid.gov/gda/>

**Rede de Cidadãos Norte-Americanos para o
Desenvolvimento Sustentável**
<http://www.citnet.org/>

**Departamento de Agricultura dos Estados Unidos
Cúpula Mundial sobre o Desenvolvimento
Sustentável**
<http://www.fs.fed.us/sustained/wssd/index.html>

**Departamento de Energia dos Estados Unidos
Centro de Excelência para o Desenvolvimento
Sustentável**
<http://www.sustainable.doe.gov/>

**Departamento de Estado dos Estados Unidos
Escritório de Oceanos e Assuntos Científicos e
Ambientais Internacionais**
<http://www.state.gov/g/oes/sus/>

**Agência de Proteção Ambiental dos Estados Unidos
Centro de Sustentabilidade
Região EPA III**
<http://www.epa.gov/region3/sdwork/>

**Missão Norte-Americana na União Européia
Dossiê: Desenvolvimento Sustentável**
[http://www.useu.be/Categories/Sustainable%20Develop
ment/index.htm](http://www.useu.be/Categories/Sustainable%20Develop
ment/index.htm)

Fundação William e Flora Hewlett
[http://www.hewlett.org/guidelines/environment/
environment_top_frm.htm](http://www.hewlett.org/guidelines/environment/
environment_top_frm.htm)

Fórum de Desenvolvimento do Banco Mundial
[http://www.worldbank.org/devforum/forum_
financing.html](http://www.worldbank.org/devforum/forum_
financing.html)

Instituto Banco Mundial
[http://www.worldbank.org/wbi/sdenvgovernance/
index.html](http://www.worldbank.org/wbi/sdenvgovernance/
index.html)

**Conselho Comercial Mundial para o
Desenvolvimento Sustentável**
<http://www.wbcsd.org/>

Fórum Econômico Mundial
<http://www.weforum.org/>

**Organização Mundial do Comércio
Comitê sobre Comércio e Meio Ambiente**
http://www.wto.org/english/tratop_e/envir_e/issu1_e.htm

World Watch
www.worldwatch.org

questões globais

Como Atingir o Desenvolvimento Sustentável

